



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PALOMA FREIRE DE QUEIROZ E SILVA

**A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos em João
Pessoa**

João Pessoa
2013

PALOMA FREIRE DE QUEIROZ E SILVA

**A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos
lusófonos em João Pessoa**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística, da
Universidade Federal da Paraíba – UFPB,
para a obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise
Linguística

Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança
Linguística

Orientador: Prof. Dr. Rubens Marques de
Lucena

João Pessoa

2013

S586l Silva, Paloma Freire de Queiroz e.

A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos em João Pessoa / Paloma Freire de Queiroz e Silva.-- João Pessoa, 2013.

98f.

Orientador: Rubens Marques de Lucena

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

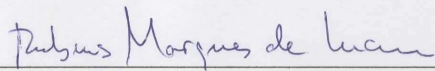
PALOMA FREIRE DE QUEIROZ E SILVA

**A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos em João
Pessoa**

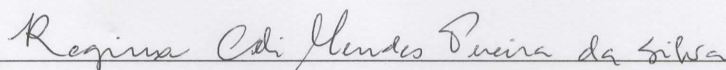
Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal da Paraíba para
obtenção do título de mestre.

Aprovada em 25 / 11 / 2013

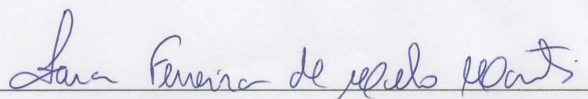
Comissão Examinadora



Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UEPB)
(Orientador)



Prof. Dra. Regina Celi Mendes Pereira da Silva (UEPB)
Examinadora interna



Prof. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins (UEPB)
Examinadora externa

Dedico este trabalho aos meus pais,
Tereza e Ege, meus maiores exemplos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à comunidade africana de João Pessoa, especialmente àqueles que contribuíram com esta pesquisa, participando da entrevista ou através de conversas informais, pela cordialidade, pela disponibilidade empregada e pelo rico universo que me apresentaram. Sem eles, esta pesquisa não faria sentido. Agradeço principalmente a Jorge, Sambu, Miro, João Paulo, Bena, Enelvino, Maelqui, Foguinho e Nuno. Sou grata pela amizade que construímos.

Agradeço também a Rubens, meu orientador, que constantemente me estimulou durante esta trajetória, sendo fonte de inspiração para a vida, pelos valores e postura que demonstra ter diante dela. Sou grata por todo o conhecimento transmitido e pela confiança que depositou em mim.

Agradeço aos meus pais, Tereza e Ege, por terem se dedicado tanto a mim, demonstrando apoio incondicional em todos os momentos, e por serem meus maiores exemplos de vida. São personalidades criativas e inspiradoras, que me ensinaram a encarar a vida com ética, dignidade e bom humor.

Agradeço aos meus irmãos, Natasha e Rodrigo, pela amizade e apoio. São também grandes exemplos de vida para mim.

Agradeço aos meus sobrinhos, Pedro e João, pela alegria que são e me dão. São uma fonte inesgotável de afeto.

Agradeço ao meu chefe, Adriano, pela compreensão e apoio dados ao longo deste projeto, que me permitiram concluí-lo. Agradeço também pela amizade inesperada que construímos, da qual tenho muito orgulho.

Faço um agradecimento especial para as minhas amigas Zélia e Matilde, por todo o carinho que trazem ao meu dia a dia, sempre demonstrando apoio e entusiasmo com relação aos meus projetos, estimulando-me.

Agradeço a todos os meus amigos do DSEI Potiguara pela leveza que dão a nossa rotina de trabalho, especialmente a Dadinha, Shirley, Jean, Marquinhos, Kaio, Jaira, Manu, André, Savana, Margareth, Antoniel, Adriana, Zé, Kennedy, Gildo, Anderson, Lúcia, Avonete, Piedade, Vanessa, Leninha, Fran, Cida, Djalma, Kaline, Alanderson, Manu,

Marcinha, Bruno, aos recém chegados, mas não menos queridos, Micheline e Isídio, às que tomaram novos rumos, mas continuam presentes na minha vida, Sarah, Hellen e Sônia, e a todos os outros que tornam nossa convivência agradável e alegre.

Agradeço também aos meus grandes amigos Nino, Thais, Manu, Lari, Dani, Carlos, Tiago, Diego, João, Marcell, Neto e Roberta, por todos os momentos especiais que me proporcionaram.

Por fim, agradeço a todos os professores que contribuíram com a minha formação. De alguma forma, todos estiveram presentes na construção deste trabalho.

RESUMO

SILVA, Paloma Freire de Queiroz e. **A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos em João Pessoa.** Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

O fenômeno da migração é cada vez mais comum nos dias de hoje. Através do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), estudantes de países em desenvolvimento têm a oportunidade de cursar formação de nível superior no Brasil, aumentando o número de estudantes africanos nas universidades brasileiras. A situação de contato entre esses grupos evidenciou diferenças dialetais entre brasileiros e africanos lusófonos. Investigamos neste trabalho se os guineenses e cabo-verdianos que moram em João Pessoa apresentam indícios de acomodação linguística ao dialeto paraibano no que se refere à lateral em situação de coda silábica. A lateral em posição de coda pode ser produzida de maneira velarizada, vocalizada ou apagada. A vocalização é característica da variedade brasileira, enquanto que a manutenção da lateral é característica do português de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Investigamos também se fatores sociais, estilísticos ou linguísticos podem favorecer a acomodação. Além disso, investigamos as atitudes linguísticas que eles apresentam com relação ao dialeto de origem e estrangeiro, bem como o grau de identificação cultural com relação à cultura de origem e nova. Utilizamos neste estudo os métodos próprios da sociolinguística quantitativa. Realizamos entrevistas gravadas, codificamos as palavras que continham a lateral pós-vocálica e utilizamos o programa Goldvarb-X para a análise estatística dos dados. Para a análise qualitativa, utilizamos os conceitos da teoria da acomodação e de atitudes linguísticas. A teoria da acomodação diz que o falante faz ajustes linguísticos quando em contato com um dialeto diferente. Esses ajustes podem ser no sentido da convergência, divergência, ou não convergência. As teorias sobre atitudes linguísticas, por sua vez, alegam que as percepções que um falante tem sobre determinada variedade linguística afetam suas escolhas linguísticas. Como resultado desta pesquisa, constatamos que os cabo-verdianos acomodaram mais para a variedade pessoense do que os guineenses. Tal resultado encontra uma possível explicação na forma como a qual cada grupo se relaciona com seu país de origem, de modo que os guineenses parecem ter um sentimento de identificação mais forte com seu país originário do que os cabo-verdianos. Encontramos também evidências de que o tempo ao qual os informantes estão expostos ao novo dialeto afeta os índices de acomodação. Com relação às variáveis linguísticas, percebemos que as sílabas tônicas favorecem a vocalização, ao passo que as sílabas átonas favorecem a manutenção da lateral. Percebemos também que os informantes avaliaram variedades de países colonizadores ou de regiões mais desenvolvidas de modo positivo, enquanto que as variedades de regiões historicamente desfavorecidas receberam atributos negativos. Concluímos, enfim, que há um processo de acomodação entre os indivíduos investigados, verificado em quase um terço da totalidade de ocorrências. Por fim, salientamos que o fenômeno de variação linguística é complexo e diversos fatores podem influenciá-lo. Propusemos neste trabalho analisar a influência de algumas variáveis que julgamos poder afetar a forma de realização da lateral pós-vocálica. Este rol de variáveis, contudo, não é

conclusivo, tendo em vista que outros fatores podem afetar o fenômeno linguístico ora em estudo.

Palavras-chave: Lateral pós-vocálica. Sociolinguística. Teoria da acomodação. Atitudes linguísticas. Cabo Verde. Guiné-Bissau.

ABSTRACT

SILVA, Paloma Freire de Queiroz e. **Pos vocalic lateral in dialetal contact: a study with lusophone africans in João Pessoa.** Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

The migration is an increasing phenomenon witnessed nowadays. Through the student program “Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)”, students from developing countries have the opportunity to enrol in a under graduation course in Brazil, increasing the number of African students in Brazilian universities. The contact situation among these groups made evident dialect differences between Brazilians and luso Africans. In this work, we investigate if the Guineans and the Cape Verdeans, which live in João Pessoa present characteristics of “linguistic accommodation” to the dialect from Paraíba regarding the lateral in situation of the syllabically coda. The lateral in coda position can be produced in a velarized, vocalised or deleted manner. The vocalisation is characteristic of the Brazilian variety, while the maintenance of the lateral is characteristic of Cape Verde and Guinea-Bissau Portuguese language. It is also investigated which aspects can favour the accommodation, being it socials, stylistic, or linguistic. Moreover, it is investigated the linguistic attitude that they represent related to the origin and foreign dialect, and also the identification cultural degree related to the origin and new culture. In this study, it was applied methods of the quantitative sociolinguistic. Interviews were carried out and recorded, and words that contained pos vocal lateral were codified, and the program Goldvarb-X was used to statistical data analyses. For the qualitative analyses, it was used the concepts of accommodation theory and linguistic attitudes. The accommodation theory says that the speaker does linguistic adjusts when in contact with a different dialect. These adjusts can be in a sense of convergence, divergence or non-convergence. The theories about linguistic attitudes, for instance, state that the perceptions that a speaker has about a specific linguistic variance affect his/her linguistic choices. As result of this research, it was obtained that the Cape Verdeans have more accommodation to the João Pessoa variety then the Guineans. This result finds a possible explanation in the way each group relates with their origin country, having the Guineans a more strong identification feeling with their origin country than the Cape Verdeans. It was also found evidences that the time period that the subjects are exposed to the new dialect affect the accommodation rates. Related to the linguistic variables, among others, it was perceived that the tonic syllables favour the vocalisation, on the other hand, unstressed syllables favour the lateral maintenance. It was also noted that the respondents evaluated varieties of settler countries or more advanced regions in a positive way, while that the varieties of regions historically disadvantaged were given negative attributes. In this way, it is concluded that there is a process of accommodation among the investigated groups, corresponding to almost a third of total occurrences. Finally, it is stressed that the linguistic variation phenomenon is complex and several aspects can influence it. It was proposed in this work to analyse the influence of some variables, which were judged to affect

the realisation of the lateral pos vocalic, this rol of variables, however, is not conclusive, so that, other aspects can affect the variation in study.

Keywords: Pos vocalic lateral. Sociolinguistics. Accomodation theory. Language attitudes. Cape Verde. Guinea-Bissau.

LISTA DE QUADROS

QUADROS

Quadro 1 – Dicotomias entre o crioulo cabo-verdiano e o português (DIAS, 2002, p. 15).....	24
Quadro 2 – Diglossias em Cabo Verde e Guiné-Bissau.....	30
Quadro 3 – Segmentos laterais com exemplos de palavras que os ilustram	31
Quadro 4 - Dimensões objetivas e subjetivas da acomodação da fala (Giles et al., 1991, p.15).....	40
Quadro 5 - Ordem de influência das variáveis independentes na vocalização da lateral.....	57
Quadro 6 - Ordem de influência das variáveis independentes na manutenção da lateral velarizada	58
Quadro 7 - Ordem de influência das variáveis independentes no apagamento	58

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultado geral da acomodação da lateral pós-vocálica.....	56
--	----

LISTA DE TABELAS

TABELAS

Tabela 1 - Resultado geral de ocorrências da lateral pós-vocálica.....	56
Tabela 2 - Influência da variável país de origem na vocalização (/w/) da lateral pós-vocálica	59
Tabela 3 - Influência da variável país de origem na manutenção da lateral velarizada	59
Tabela 4 - Correlação entre as variáveis país de origem, tempo de exposição e número de informantes	60
Tabela 5 - Influência da variável país de origem no apagamento (/Ø/)	61
Tabela 6 - Índice de acomodação dialetal por informante	62
Tabela 7 - Características dos informantes.....	62
Tabela 8 - Influência da variável tempo de exposição na vocalização da lateral.....	65
Tabela 9 - Influência da variável tempo de exposição na manutenção da lateral velarizada	65
Tabela 10 - Correlação entre as variáveis tempo de exposição, país de origem e número de informantes	66
Tabela 11 - Influência da variável tonicidade na vocalização da lateral.....	67
Tabela 12 - Influência da variável tonicidade na manutenção da lateral velarizada	68
Tabela 13 - Influência da variável tonicidade no apagamento /Ø/	69
Tabela 14 - Influência da variável posição da palavra na vocalização da lateral.....	69
Tabela 15 - Influência da variável posição na palavra na manutenção da lateral velarizada	70
Tabela 16 - Influência da variável posição na palavra no apagamento	71
Tabela 17 - Influência da variável contexto fonológico anterior na vocalização da lateral.....	71
Tabela 18 - Influência da variável contexto fonológico anterior na manutenção da lateral velarizada	72
Tabela 19 - Influência da variável estilo na vocalização da lateral.....	73
Tabela 20 - Influência da variável estilo na manutenção da lateral velarizada	74
Tabela 21 - Influência da variável contexto fonológico seguinte na vocalização da lateral	74
Tabela 22 - Influência da variável contexto fonológico seguinte na manutenção da lateral velarizada	75
Tabela 23 - Influência da variável contexto fonológico seguinte no apagamento	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PEC-G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação

Sumário

Introdução.....	18
1 Cabo Verde e Guiné-Bissau: história e língua.....	22
1.1 Cabo Verde.....	22
1.2 Guiné-Bissau.....	24
1.3 Crioulo.....	26
1.4 Diglossia.....	27
1.5 Lateral pós-vocálica	30
2 Sociolinguística quantitativa e Teoria da acomodação	35
2.1 Sociolinguística quantitativa	35
2.2 Contato dialetal e teoria da acomodação	37
2.3 Língua e identidade	41
2.4 Atitudes linguísticas	44
3 Desenho da pesquisa	46
3.1 Amostra e coleta de dados.....	46
3.2 O Envelope de Variação.....	48
3.2.1 Estilo	48
3.2.2 Tempo de exposição.....	50
3.2.3 País de origem	50
3.2.4 Tonicidade.....	51
3.2.5 Posição na palavra.....	52
3.2.6 Contexto fonológico anterior.....	53
3.2.7 Contexto fonológico seguinte.....	53
3.2.8 Extensão do vocábulo.....	54
3.3 Método de Análise	55
4 Dialeto em contato: variação entre guineenses e cabo-verdianos em João Pessoa	56
4.1 País de origem.....	58
4.2 Tempo de exposição.....	65
4.3 Tonicidade.....	67
4.4 Posição na palavra.....	69
4.5 Contexto fonológico anterior	71
4.6 Estilo	73
4.7 Contexto fonológico seguinte.....	74
4.8 Atitudes linguísticas	76

4.9 Outras questões	80
5 Considerações finais.....	83
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	90
APÊNDICE B – Ficha de caracterização do entrevistado.....	92
APÊNDICE C – Roteiro para entrevista	93
APÊNDICE D – Textos para leitura em slides	96
APÊNDICE E – As variáveis e seus códigos	99

Introdução

Diante do visível aumento do número de estudantes africanos nas universidades da Paraíba, e das evidentes diferenças dialetais encontradas entre o português brasileiro e o português falado em países lusófonos da África, surgiu o interesse em investigar como se dá a situação de contato dialetal vivenciada por africanos que residem na Paraíba. Para tanto, elegemos um fenômeno fonológico que marcasse claramente tais diferenças, de modo que pudéssemos perceber quantitativamente o impacto do contato dialetal na forma que os migrantes falam. O fenômeno escolhido para o estudo foi a lateral em posição de coda silábica, que é produzida de maneira vocalizada na Paraíba (e no Brasil), como em [aw'mosu] (almoço), e de maneira velarizada na variedade de língua dos africanos, como em [aɫ'mosu], se configurando em um forte ponto de divergência entre essas línguas. O grupo eleito para ser investigado é composto por pessoas oriundas de dois países: Cabo Verde e Guiné-Bissau. Em ambos os países, a língua oficial é a portuguesa, no entanto, fala-se cotidianamente o crioulo cabo-verdiano e o crioulo guineense, respectivamente. Destacamos que a variedade da língua portuguesa falada pelos africanos se assemelha a do português europeu. A partir de agora utilizaremos as siglas PB e PE para nos referirmos ao português brasileiro e ao português europeu, respectivamente.

Os países em questão, Guiné-Bissau e Cabo Verde, fazem parte do oeste africano e apresentam uma complexa realidade linguística. Neles, mesmo sendo a língua portuguesa o idioma oficial, apenas uma pequena parcela da população a domina. Este idioma é utilizado em situações formais, como em escolas e universidades, instituições oficiais, na literatura escrita, em jornais, na justiça e na política. Enquanto que aos crioulos guineense e cabo-verdiano ficam reservadas as conversas informais entre amigos e familiares. Este tipo de situação em que há a coexistência de duas ou mais línguas é denominada diglossia.

Segundo Fernández (1998), a diglossia nada mais é do que a utilização de duas ou mais variedades pela mesma comunidade de fala, em que a cada uma delas é atribuída uma função¹ específica. Essas variedades coexistem, porém, seus usos sociais chegam a ser considerados excludentes. Há, em regra, uma variedade dotada de prestígio, conhecida como a variedade alta ou high (H), e a variedade baixa ou low (L), considerada inferior em relação à variedade alta. Citamos como exemplo para ilustrar o uso socialmente diferenciado de cada

¹ Ressaltamos que o termo função aqui não se refere àquele utilizado pelo funcionalismo.

uma dessas variedades, o seguinte caso: suponha que um homem, ao entrar em uma instituição oficial do governo, utilize a variedade alta (H) para tratar de assuntos burocráticos com o funcionário. Resolvida a questão, o mesmo falante, com o mesmo interlocutor, no mesmo local, ao mudar de tópico para perguntar, por exemplo, como está a família de seu interlocutor, mudará também a variedade, passando a utilizar a baixa (L). Este uso socialmente diferenciado de duas variedades em uma mesma comunidade de fala é o que chamamos de diglossia. Em Cabo Verde e em Guiné-Bissau, a língua portuguesa corresponde à variedade alta, e os crioulos cabo-verdiano e guineense às variedades baixas.

A denominação crioulo se refere ao tipo de formação de uma língua. De acordo com Fernández (1998), uma língua crioula surge a partir do contato de duas línguas, geralmente como consequência de uma situação de dominação, e da necessidade de comunicação entre os povos envolvidos, que, em regra, se dá para fins comerciais. Ao longo dos primeiros anos de contato, surge o pidgin, uma língua caracterizada por apresentar a sintaxe da língua do povo dominado, e o léxico da língua do povo dominador. No momento em que nasce uma geração que possui o pidgin como língua materna, ele passa a ser chamado crioulo. Tanto o crioulo guineense quanto o cabo-verdiano são de base lexical portuguesa, e formam, juntos, o grupo conhecido como crioulo da Alta Guiné.

Para realizarmos a nossa investigação, partimos de estudos anteriores sobre contato dialetal, baseando-nos especialmente em Trudgill (1986). Segundo o autor, uma das causas que provocam variação e mudança linguística é o contato entre os dialetos. O autor afirma que dialetos diferentes, quando em contato, provocam efeitos/interferência uns nos outros, ocorrendo transferência de alguns itens de um dialeto para o outro. Uma possível explicação para descrever esse processo de variação é a teoria da acomodação, elaborada por Giles et al. (1991). De acordo com esta teoria, falantes de diferentes dialetos ao entrarem em contato podem se aproximar ou se distanciar do dialeto do interlocutor, a depender de questões mais individuais, como necessidade de aprovação, ou mais gerais, como prestígio de um dos dialetos. A teoria da acomodação busca, portanto, compreender por que falantes modificam sua fala na presença de outros, investigando como ocorrem os ajustes linguísticos e por que alguns falantes ou algumas situações são mais favoráveis à acomodação do que outras.

Para a concretização desta pesquisa, utilizamos os métodos próprios da sociolinguística quantitativa, também conhecida como teoria da variação linguística, proposta por William Labov (2008 [1972]). Segundo esta teoria, a variação não ocorre por acaso, de maneira caótica; ela é sistemática e motivada por fatores linguísticos e sociais. Cabe ao

sociolinguista identificar esses fatores, e mensurar a importância de cada um, mostrando as regras que existem apesar da heterogeneidade de uma língua. No âmbito desta pesquisa, procuramos perceber o impacto de variáveis sociais e linguísticas no processo de acomodação dialetal vivido pelos africanos em estudo.

Como dissemos acima, para dar suporte a este estudo, elegemos o fenômeno fonológico da lateral em posição de coda silábica para análise. Tanto no português falado em Guiné-Bissau quanto no português falado em Cabo Verde, este fonema é realizado de forma velarizada [ɫ], ao passo que no português brasileiro, temos um processo de vocalização [w] que resulta em uma sílaba com ditongo. A estrutura da sílaba, antes do tipo fechada CVC, passa a ser do tipo aberta CVV. Além dessas possibilidades, há ainda uma terceira realização para o fonema que, embora menos comum nas variedades da língua portuguesa em questão, também foi levada em conta neste trabalho, é o caso de apagamento [Ø]. Neste último caso, a sílaba passa a ser do tipo CV.

Algumas perguntas que nortearam este trabalho foram: 1) existe um processo de acomodação dialetal entre os guineenses e cabo-verdianos que estão na Paraíba? 2) se sim, em que estágio se encontra esse processo? 3) quais os aspectos sociais relacionados aos falantes que podem impactar na acomodação? 4) quais fatores linguísticos podem favorecer a vocalização da lateral pós-vocálica?

O objetivo geral desta pesquisa é investigar se os guineenses e cabo-verdianos que moram em João Pessoa apresentam indícios de acomodação linguística ao dialeto pessoense no que se refere à lateral em posição de coda silábica, bem como identificar os fatores sociais e linguísticos que favorecem essa acomodação, caso ocorra.

Os objetivos específicos são:

- 1) Identificar fatores sociais que podem influenciar a acomodação:
- 2) Identificar contextos linguísticos favoráveis à vocalização da lateral:
- 3) Investigar se diferentes estilos podem favorecer o processo de acomodação
- 4) Perceber o grau de identificação cultural dos falantes com relação à cultura de origem e à nova
- 5) Identificar atitudes linguísticas com relação ao dialeto nativo e estrangeiro

Para concretizarmos a investigação pretendida, entrevistamos 07 informantes africanos, provenientes de Cabo Verde e Guiné-Bissau e residentes na cidade de João Pessoa. Estes informantes vieram ao Brasil para obter uma formação universitária, através de um programa internacional do Ministério da Educação do Brasil, no qual jovens de países em

desenvolvimento têm a oportunidade de cursar uma graduação em uma universidade brasileira, devendo custear apenas suas despesas pessoais de moradia e alimentação. O programa é conhecido pela sigla PEC-G, que quer dizer Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (BRASIL, 2013).

Pretendemos com esta pesquisa esclarecer o que está por trás das escolhas linguísticas feitas pelos migrantes guineenses e cabo-verdianos após o contato dialetal com o PB, e o que elas representam no contexto social em que vivem. Acreditamos que a investigação sociolinguística contribui para a redução de atitudes estigmatizantes com relação a outros dialetos, uma vez que demonstra que as variantes linguísticas são apenas maneiras diferentes de se dizer uma mesma coisa, de modo que não há uma melhor que outra.

Para a apresentação desta pesquisa, organizamos esta dissertação em cinco capítulos, conforme descrevemos a seguir. No capítulo um, intitulado Cabo Verde e Guiné-Bissau: história e língua, falamos brevemente sobre os crioulos cabo-verdiano e guineense, diglossia e a lateral em situação pós-vocálica. Em seguida, no capítulo dois – Sociolinguística quantitativa e Teoria da acomodação, discutimos a teoria da variação laboviana, contato dialetal e a teoria da acomodação. Seguimos para o capítulo três – Desenho da pesquisa, em que descrevemos detalhadamente o corpus e os métodos utilizados na realização da pesquisa. No capítulo quatro – Dialetos em contato: variação entre cabo-verdianos e guineenses em João Pessoa, apresentamos todos os resultados obtidos, separados por variável e apresentados em ordem de relevância para a realização da acomodação. Por fim, no capítulo cinco, apresentamos algumas considerações finais sobre este trabalho.

1 Cabo Verde e Guiné-Bissau: história e língua

O objeto de estudo deste trabalho é a lateral pós-vocálica em situação de contato dialetal. As variedades em contato são a variedade da língua português falada em Cabo Verde e Guiné-Bissau e a variedade falada no Brasil. Nos dois países africanos mencionados, a língua portuguesa é o idioma oficial, no entanto, não é a língua materna da maior parte da população, tampouco é a língua utilizada no cotidiano desses povos. Antes de adentrarmos no estudo fonológico da lateral, falaremos um pouco sobre a complexa realidade linguística encontrada em Cabo Verde e Guiné-Bissau, e a situação diglósica em que se encontram.

1.1 Cabo Verde

Cabo Verde é um arquipélago composto por dez ilhas de origem vulcânica, situadas no Oceano Atlântico, a 455 km da costa oeste africana. Além das dez ilhas principais, há ainda pequenas ilhas que historicamente fazem parte desta nação africana, totalizando um território de cerca de 4.033km². A capital do país é a Cidade da Praia, situada na Ilha de Santiago. A economia de Cabo Verde é baseada essencialmente na agricultura e na pesca, sendo a agricultura, no entanto, frequentemente prejudicada pelos períodos de seca. Há um setor industrial em desenvolvimento no país, onde se destacam a fabricação de aguardente, vestuário e calçado, tintas e vernizes, o turismo, as conservas de pescado, a extração de sal e o artesanato (REPÚBLICA DE CABO VERDE, 2007).

A língua oficial do país é o português, no entanto, o crioulo cabo-verdiano é a língua materna da maior parte da população, representando o papel de língua de identidade nacional. De acordo com o censo de 2010, a população cabo-verdiana era de 496.000 habitantes, dentre os quais 492.000 (99,2%) são falantes do crioulo, ao passo que a população falante do português como língua materna em Cabo Verde é insignificante, praticamente restrita aos estrangeiros que habitam o país, em sua maioria portugueses e brasileiros (LEWIS et al., 2013).

Somente através da história de Cabo Verde podemos compreender a realidade linguística atualmente encontrada no país; passearemos, portanto, brevemente por esta história que começou em 1456, com a descoberta do arquipélago pelos europeus.

Quando os navegadores portugueses atracaram nas ilhas cabo verdianas, encontram uma região completamente desabitada, o que leva a crer, portanto, que Cabo Verde foi, de fato, descoberta pelos portugueses. As ilhas do arquipélago são de origem vulcânica, não apresentam solo de qualidade para agricultura e o clima é do tipo desértico. Além disso, o arquipélago situa-se entre os três continentes componentes do comércio de escravos: Europa, África e América. As más condições para a agricultura, juntamente com a localização geográfica privilegiada para a movimentação de navios, contribuíram para que Portugal elegesse Cabo Verde como ponto de apoio para a comercialização de escravos. Assim, a povoação do país se deu com africanos de diferentes etnias vindos da África continental para serem escravizados e portugueses que trabalhavam nesse comércio, resultando em uma população miscigenada em sua maioria. Segundo Holm (1989), a população cabo verdiana é composta por 28% de africanos, 1% de europeus e 71% miscigenada. O aumento da ocupação portuguesa na segunda metade do século XVII nas ilhas, somado ao enfraquecimento da identidade cultural dos africanos levados à Cabo Verde, devido à ruptura forçada com suas etnias originárias, levou a um fortalecimento da cultura e da língua portuguesa em Cabo Verde maior do que o que aconteceu em Guiné-Bissau.

Segundo Dias (2002), a diversidade linguística do país, resultante do encontro dos vários dialetos africanos e do PE, dificultava a comunicação necessária ao povo da ilha, tanto entre portugueses e africanos quanto entre os africanos entre si. Neste contexto, surgiu o crioulo de base lexical portuguesa conhecido como crioulo cabo-verdiano. Não se sabe ao certo como se deu a formação dessa língua, sabe-se apenas que as línguas que o originaram foram os dialetos africanos e o PE. Conforme já mencionado (HOLM, 1989), o crioulo é a língua materna da maior parte da população cabo-verdiana, cerca de 300.000 pessoas. É considerada a língua nacional do país, falada e compreendida por quase a totalidade da população e utilizada na maioria das situações cotidianas. Dias (2002) afirma ainda que o crioulo é a língua da oralidade, das famílias e das tradições africanas remanescentes no país. Apesar da penetração quase total do crioulo nas ilhas, a ele ainda não foi atribuído o status de língua oficial do país, que permanece com a língua portuguesa. Ressalta-se, no entanto, que há um processo em andamento de oficialização da língua cabo-verdiana, que deverá ser reconhecida juntamente com a língua portuguesa.

A referida autora diz ainda que o português, além de oficial, é considerado o idioma internacional, que possibilita a interação de Cabo Verde com os outros países do mundo. Internamente, é utilizado em contextos específicos bem delimitados, como o ensino, a literatura escrita, a justiça, algumas instituições oficiais, e na maior parte da programação da

televisão e do rádio. Na literatura, podemos observar que há aquela que é escrita, em língua portuguesa, consumida pela elite alfabetizada do país, e que representa a modernidade; e há também a literatura oral, em crioulo, consumida pela massa cabo-verdiana, em sua maioria analfabeta ou semianalfabeta, e representativa das tradições africanas. Como o acesso à escola é restrito à elite cabo-verdiana, podemos dizer que a literatura escrita do país não atinge a maioria da população, caracterizando-se por ter um baixo índice de penetração. No ensino, encontramos que a educação formal é dada em língua portuguesa, não havendo, inclusive, livros didáticos em crioulo. Apesar disso, frequentemente os professores precisam recorrer ao crioulo para explicar conceitos e atividades em sala de aula, até mesmo porque os próprios professores não dominam suficientemente a língua portuguesa.

Finalmente, a autora propõe o seguinte quadro comparativo entre o crioulo cabo-verdiano e a língua portuguesa, que resume esquematicamente os comentários feitos acima.

Crioulo cabo-verdiano	Português
Materna	Oficial
Nacional	Internacional
Informal	Formal
Oralidade	Escrita
A nação	O Estado (burocracia)
Resistência Cultural	Dominação cultural
Massa cabo-verdiana	Elite
Tradição	Modernidade

Quadro 1 – Dicotomias entre o crioulo cabo-verdiano e o português (DIAS, 2002, p. 15)

1.2 Guiné-Bissau

A República da Guiné-Bissau, capital Bissau, é um país situado na costa ocidental do continente Africano, com 36.125 km² de extensão territorial e uma população calculada aproximadamente em 1,5 milhões de habitantes. Além da parte continental do país, Guiné-Bissau possui uma região insular, que contém o arquipélago Bolama-Bijagós, classificado pela UNESCO como reserva da biosfera, devido à grande diversidade de ecossistemas que possui. O arquipélago é composto por 88 ilhas no total, das quais apenas 17

são habitadas (REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU, 2011). Este pequeno país em extensão apresenta uma grande diversidade linguística, onde coexistem a língua portuguesa, o crioulo guineense e ainda cerca de vinte dialetos africanos. Assim como em Cabo Verde, para se compreender o caldeirão linguístico vivido em Guiné-Bissau, é preciso falar brevemente sobre a história do país e a formação de sua nação independente.

A história da República da Guiné-Bissau se diferencia da história de Cabo Verde especialmente pelo fato de ser uma região já habitada à época da chegada dos portugueses. De acordo com Holm (1989), a invasão portuguesa ocorreu em 1456, e, em 1462, seis anos depois, o território guineense foi formalmente concedido ao lorde feudal de São Tiago, das ilhas cabo verdianas, para que administrasse a circulação dos escravos. Cabo Verde funcionava como a sede administrativa da colônia portuguesa na África, recebendo escravos de Guiné-Bissau e os exportando para outros países do mundo, como Espanha e Brasil. Com a fusão dos dois territórios, Cabo Verde e Guiné-Bissau tornaram-se uma única colônia por um período de 417 anos. Vieram a se separar precisamente em 1879, porém, o costume de cabo-verdianos migrarem para Guiné-Bissau para ocuparem posições de nível médio na administração colonial permaneceu.

Guiné-Bissau foi durante 500 anos colônia de Portugal, tendo sido o primeiro país lusófono do continente africano a conquistar a independência, ocorrida em 24 de setembro de 1973. Um ano depois, em 10 de setembro de 1974, Portugal reconheceu o país como independente. Para a conquista da independência, o país viveu onze anos de luta armada, liderada pelo cabo-verdiano Amílcar Cabral, líder do Partido Africano para a independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), o mesmo partido que lutou pela independência em Cabo Verde (EMBALÓ, 2008).

A atual República da Guiné-Bissau está dividida administrativamente em oito regiões e um setor autônomo, a capital Bissau. Cada uma dessas regiões, por sua vez, está dividida em setores, 36 no total. Os setores são formados por tabancas (aldeias africanas). Há mais de vinte etnias e vinte dialetos diferentes distribuídos em todo o país. Para se ter uma ideia da diversidade linguística encontrada em Guiné-Bissau, Intumbo (2008) revela que a cada 40km ou 50km de estrada se encontra uma realidade étnico-linguística diferente.

De acordo com Embaló (2008), apenas 13% da população fala a língua portuguesa, sendo pouco expressiva a parcela da população que a tem como língua materna. Apesar disso, é o idioma oficial, utilizado em contextos formais como escolas, instituições oficiais, jornais, na política, etc. No cotidiano, a língua utilizada é o crioulo guineense, que se expandiu com a luta para a independência e a formação da nação, permitindo a comunicação

entre os mais de vinte grupos de diferentes etnias e dialetos. Assim como em Cabo Verde, Guiné-Bissau vive a dificuldade da alfabetização em segunda língua. Essa dificuldade é ainda maior em Guiné-Bissau, uma vez que a administração colonial portuguesa nunca se preocupou com a construção de escolas no país.

1.3 Crioulo

O crioulo de Cabo Verde, juntamente com o crioulo de Guiné-Bissau, formam o grupo de línguas chamado crioulo da Alta Guiné. Este agrupamento ocorre devido às semelhanças encontradas entre as duas línguas, decorrente da correlação histórica que têm, uma vez que foram originadas praticamente pelos mesmos dialetos africanos e o PE. Ainda, de acordo com Holm (1989), essas duas modalidades de crioulo se diferenciam dos outros crioulos de base portuguesa encontrados na África ou em outros países do mundo, justificando-se, assim, o agrupamento dessas duas línguas sob a denominação crioulo da Alta Guiné.

A formação de uma língua crioula revela algumas particularidades que merecem um breve comentário. Segundo Fernández (1998), todo crioulo é fruto de um pidgin que o antecedeu. O pidgin é uma língua que surge quando duas outras línguas diferentes entram em contato, geralmente para fins comerciais, e, muitas vezes, em uma situação de dominação de um povo, e os falantes necessitam se comunicar de alguma forma. Neste momento, surge uma língua gramática e fonologicamente simplificada, e que possui o léxico da língua do povo dominante e a gramática e a fonologia da língua do povo dominado. Quando esta língua se estabiliza e nasce uma geração que a tem como língua materna, passa a ser chamada crioulo.

O autor, ao explicar a tipologia linguística proposta por William Stewart em 1962, destaca que o crioulo e o pidgin não apresentam padronização, autonomia, nem historicidade, sendo a vitalidade o critério diferenciador dos dois tipos linguísticos, uma vez que o crioulo possui esta característica, e o pidgin não, pois não há uma comunidade nativa falando pidgin. Seguem apontamentos descrevendo brevemente os quatro critérios propostos por Stewart para se estabelecer uma tipologia linguística:

a) Padronização

Existe padronização em uma língua quando há normas codificadas que são aceitas como indicadores de usos corretos da língua pela comunidade de falantes. Constituem a ortografia, a gramática e o dicionário.

b) Autonomia

Atributo que confere à língua unicidade e independência, ou seja, a língua é única (distinta de outras variedades) e independente (não precisa ser referenciada com relação à outra variedade).

c) Historicidade

A historicidade se refere à permanência de uma língua ao longo do tempo, associada a uma tradição nacional e étnica.

d) Vitalidade

A vitalidade é a existência de uma comunidade de falantes nativos de uma língua.

1.4 Diglossia

Como mencionado no começo deste capítulo, as situações descritas em Guiné-Bissau e Cabo Verde são casos de diglossia. Em linhas gerais, parafraseando Fernández (1998), diglossia é uma situação linguística onde duas variedades coexistem e a cada uma delas é reservada uma função específica na comunidade de fala. Um rótulo H ou L é atribuído a cada uma dessas variedades, sendo H para a variedade superposta ‘high’/‘alta’, e L para a variedade regional ‘low’/‘baixa’. Em regra, H desfruta de maior prestígio e é utilizada em contextos mais formais, como tribunais, legislação, literatura escrita, instituições oficiais, etc.; ao passo que L é a variedade dotada de menor prestígio, sendo utilizado mais coloquialmente, nas mais diversas situações do cotidiano e na cultura em geral.

Ferguson (1959), em seu artigo intitulado *Diglossia*, observou quatro situações linguísticas semelhantes, e à sua generalização nomeou diglossia; através delas, pôde elencar nove características que sinalizam uma situação diglósica, são elas: função, prestígio, herança literária, aquisição, padronização, estabilidade, gramática, léxico e fonologia. Explicamos a seguir cada uma delas.

Cada variedade é utilizada para um escopo definido de situações, e essas situações muito raramente se sobrepõem, ou seja, cada variedade tem **funções** específicas na comunidade de fala, e uma não penetra no campo de atuação da outra. Por exemplo, utiliza-se H em cultos religiosos, cartas pessoais, discursos políticos, palestras universitárias, notícias de jornal, etc; ao passo que se utiliza L para dar instruções para empregados ou garçons, conversar com amigos e parentes, em diálogos de novelas, legendas em charges políticas, e na literatura popular. Um caso mais peculiar ocorre na educação formal, em que comumente as

aulas e o material didático são na variedade alta, enquanto que os exercícios e as explicações são comentados na variedade baixa.

Para os falantes de uma comunidade diglössica, a variedade H é vista como superior à variedade L. Em alguns casos, os falantes de uma comunidade diglössica podem chegar até mesmo a negar a existência da variedade L na comunidade, de tão desprestigiada que ela pode ser. Em situações mais amenas, costumam apenas julgar a variedade H como a mais bonita, mais lógica e mais adequada para expressar pensamentos. É a característica **prestígio** que se revela em uma das variedades.

Nas quatro situações observadas pelo autor, há também um considerável **legado literário** escrito em H, muito estimado pela comunidade de fala.

Nessas comunidades, os adultos utilizam L para falar com as crianças e as crianças também utilizam L para se comunicarem entre si. Deste modo, L é a língua materna dos falantes de uma comunidade diglössica, enquanto que a variedade H é aprendida através da educação formal, que não ocorre nos primeiros anos de vida. As diferenças do método de **aquisição** fazem com que esses falantes se sintam mais seguros, portanto, mais à vontade, para se comunicarem na variedade L.

Todas as variedades H observadas trazem gramáticas, dicionários, pronúncia e estilo padronizados, oferecendo, portanto, um suporte para a cristalização de um **padrão**, com uma margem muito pequena para variações. Em oposição, os estudos descritivos ou normativos da variedade L, quando existem, são extremamente recentes, existem apenas em pequenas quantidades, e diversas vezes são elaborados por acadêmicos alheios à comunidade de fala a que se referem, ou ainda são escritos em outras línguas. Desta forma, a margem para variações é enorme.

Apesar de ser uma relação aparentemente instável que ocorre entre as duas variedades de uma situação de diglossia, os dados têm mostrado que esse tipo de coexistência de línguas persiste por, pelo menos, vários séculos, havendo evidências de que essa relação pode resistir por mais de mil anos. Trata-se, portanto, de uma situação **estável**.

A **estrutura gramatical** é uma das diferenças mais marcantes entre as variedades H e L, sendo a estrutura de H com mais complexidade de regras do que a de L. H apresenta categorias gramaticais ausentes em L, além de um sistema de flexão de substantivos e verbos que é reduzido ou ausente em L.

Na situação diglössica é muito comum que a variedade superposta e a variedade regional compartilhem uma ampla gama de **palavras** utilizadas da mesma forma e com o mesmo sentido. Além do compartilhamento, há grupos de palavras utilizadas apenas

em H, como por exemplo, palavras técnicas de algum segmento do conhecimento, que não existem em L até mesmo pelo fato do assunto nunca ser abordado nesta variedade. Há ainda grupos de palavras que existem apenas em L, comumente são as expressões populares ou nomes de objetos muito relacionados à família e ao ambiente doméstico. Além desses três casos, há ainda um quarto mais particular. São as duplas de palavras que significam exatamente a mesma coisa, mas que possuem uma versão para H (escrita) e outra para L (oralidade). Por exemplo, em grego a palavra H para vinho é ‘ínos’, e a palavra L é ‘krasí’. Em um restaurante, o cardápio trará escrito ‘ínos’, no entanto, o cliente fará o pedido ao garçom utilizando ‘krasí’.

O quesito **fonologia** é o mais difícil para se conceber afirmativas a respeito, uma vez que em cada situação diglósica a relação entre os sistemas fonológicos de H e L se dá de uma forma diferente. Pode ser que os dois sistemas sejam próximos, moderadamente próximos ou completamente diferentes. Neste caso, Ferguson oferece apenas duas afirmações verdadeiras para todos os casos. A primeira é que os sistemas de som de H e L constituem uma única estrutura fonológica na qual a fonologia de L é o sistema básico; enquanto que as características divergentes que aparecem na fonologia de H formam um subsistema ou um para-sistema. A segunda afirmação é que se os itens do H puro têm fonemas que não são encontrados em L puro, os fonemas de L frequentemente são substituídos no uso oral de H. Ferguson afirma ainda que, se as oito primeiras características da diglossia forem precisamente estabelecidas, o aspecto fonologia pode ser considerado desnecessário, uma vez que a diglossia pode ser percebida a partir das características anteriores.

Por fim, resumindo o conteúdo do seu artigo, Ferguson (1959, p. 245) oferece a seguinte definição para diglossia:

Diglossia is a relatively stable situation in which, in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards), there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in another speech community, which is learned largely by formal education and is used for

most written and formal spoken purposes but is not used by any sector of the community for ordinary conversation.²

Nos dois países estudados nesta dissertação, tem-se a situação linguística descrita acima. Em Cabo Verde, a língua portuguesa é H e o crioulo cabo-verdiano de base portuguesa é L. Guiné-Bissau se assemelha a Cabo Verde, mas apresenta uma especificidade a mais. Além da diglossia entre a língua portuguesa (H) e o crioulo guineense (L), também de base portuguesa; há outra diglossia sobreposta (ou triglossia) entre os dialetos africanos (L) e o crioulo guineense (H), conforme explicado por Intumbo (2008), e resumidamente demonstrado no quadro esquemático a seguir:

Cabo Verde	H	Português
	L	Crioulo cabo-verdiano
Guiné-Bissau	H	Português
	L	Crioulo guineense
	H	Crioulo guineense
	L	Dialetos africanos

Quadro 2 – Diglossias em Cabo Verde e Guiné-Bissau

1.5 Lateral pós-vocálica

Segundo Silva (2012), em todas as línguas naturais, o sistema de sons é composto por consoantes e vogais. As consoantes são aqueles sons em que a passagem da corrente de ar é obstruída total ou parcialmente na boca, podendo haver fricção ou não. Já as vogais são sons em que a passagem da corrente de ar não sofre qualquer tipo de obstrução. Nosso estudo concentra-se na lateral, uma consoante caracterizada por ter a passagem do ar interrompida apenas parcialmente, de modo que a língua obstrui o canal central do trato vocal, e o ar escapa pelas laterais. O lugar de articulação da consoante lateral pode ser dental ou

² Diglossia é uma situação linguística relativamente estável, na qual, além dos dialetos primários da língua (que podem incluir uma língua padrão ou variedades regionais), há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada (em geral gramaticalmente mais complexa), veículo de um corpo largo e respeitado de literatura escrita, seja de um período anterior ou de outra comunidade linguística, que se aprende na maior parte das vezes através da educação formal, e é utilizada para propósitos formais, seja de maneira oral ou escrita, mas não é usada por nenhum setor da comunidade para conversação usual (FERGUSON, 1959, p. 245, tradução nossa).

alveolar. Em ambos os casos o articulador ativo é o ápice ou a lâmina da língua. No caso da articulação dental, o articulador passivo são os dentes incisivos superiores, já na articulação alveolar, temos os alvéolos como articulador passivo.

De acordo com Silva (2012, p. 39-40), na língua portuguesa, encontramos os seguintes segmentos laterais:

Símbolo	Classificação	Exemplo	Transcrição fonética
l	Lateral alveolar vozeada	lata plana	['lata] ['plana]
ɫ ou w	Lateral alveolar vozeada velarizada ou glide recuado arredondado	sal salta	['saɫ] ['saɫta] ['saw] ['sawta]
ʎ ou ʎ̃	Lateral palatal vozeada	malha	['maʎa] ['maʎ̃a]

Quadro 3 – Segmentos laterais com exemplos de palavras que os ilustram

A estrutura silábica de uma língua é uma das principais responsáveis pela sua identidade. Segundo Câmara Jr. (2004), a vogal, representada por V, é o som vocal mais sonoro, de maior força expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular, e funciona como o centro da sílaba na maior parte das línguas. É chamada de núcleo da sílaba. As consoantes, por sua vez, representadas por C, aparecem na periferia da sílaba, antes e/ou depois do núcleo, sendo, portanto, elementos opcionais na sua formação. No que se refere à sonoridade e a força expiratória, a sílaba pode ser percebida através de um movimento crescente e decrescente. A vogal, por ser o elemento mais sonoro da sílaba, representa seu ápice, ao passo que as consoantes que a antecedem são a fase crescente, e as consoantes que a sucedem a fase decrescente. Silva (2012) apresenta a estrutura máxima de uma sílaba na língua portuguesa como sendo $C_1C_2VV'C_3C_4$ ou $C_1C_2V'VC_3C_4$. A possibilidade de duas vogais juntas em uma única sílaba refere-se ao caso de ditongo, onde V é a vogal e V' o glide, sendo representada na primeira expressão por um ditongo decrescente (vogal-glide) e na segunda por um ditongo crescente (glide-vogal). Como já mencionado, o glide e as consoantes são opcionais. Segundo Bisol (1999), as consoantes que precedem o

núcleo são chamadas de ataque, e o núcleo, juntamente com as consoantes que o sucedem, formam a rima. A rima é composta por núcleo e coda, sendo esta última a consoante pós-vocálica. Câmara Jr. (2004) diz ainda que as sílabas que não possuem C no final são consideradas sílabas abertas, enquanto que as sílabas que apresentam consoantes pós-vocálicas são consideradas sílabas fechadas ou travadas.

O referido autor segue sua argumentação dizendo que as únicas consoantes sujeitas a se encontrarem em posição de coda silábica na língua portuguesa são a vibrante /r/, a lateral /l/, o arquifonema fricativo labial /S/ e o arquifonema nasal /N/. Estudaremos a lateral em posição de coda, que, na língua portuguesa, pode ser realizada de maneira velarizada [ɭ] ou vocalizada [w], conforme descrito na segunda linha do Quadro 3. De acordo com Pinho & Margotti (2010), no PB, em grande parte do território nacional, a lateral em posição de coda silábica é realizada de forma vocalizada, sendo quase sempre produzida a semivogal [w]. Desse modo, palavras que apresentavam a lateral pós-vocálica como traço distintivo de outra semelhante que apresentava a vogal [u] na mesma posição, passam a ter a mesma pronúncia, como nos casos de *mau* e *mal* e *viu* e *vil*. As variedades da língua portuguesa falada em Guiné-Bissau e em Cabo Verde se assemelham ao PE, que, em se tratando da lateral pós-vocálica, o som produzido é de uma lateral velarizada [ɭ], e não da semivogal [w] que ocorre no PB, como explica Mateus (2006). Desse modo, pode-se dizer que a pronúncia da lateral em situação de coda silábica é um forte traço diferenciador do PB e do português falado em Cabo Verde e Guiné-Bissau (PE).

Ainda de acordo com Pinho & Margotti (2010), na maior parte do país, a variante predominante é [w], em certas regiões do sul, no entanto, há o predomínio da lateral velarizada [ɭ]. Há ainda os casos de apagamento, que ocorrem principalmente após a vogal [u], e, mais raramente, após a vogal [o]. O processo de vocalização da lateral em coda silábica não é um fenômeno exclusivo da língua portuguesa. É possível observar esse mesmo fenômeno no latim vulgar, e em línguas modernas como o francês e o inglês.

Pinho & Margotti (2010) realizaram um levantamento das pesquisas desenvolvidas no Brasil investigando a variação da lateral pós-vocálica. Tomaremos este trabalho como guia para apresentarmos a seguir um panorama das pesquisas sobre o fenômeno no Brasil. O estudo de Dal Mago (1998) constatou que fatores extralinguísticos influenciam mais a vocalização da lateral do que fatores linguísticos, destacando-se dentre eles as variáveis escolaridade, idade e fator geográfico. Dentre os fatores linguísticos, a autora destacou a tonicidade, o tamanho da palavra e o contexto anterior.

Quednau (1993) comparou a variação da lateral em quatro cidades do Rio Grande do Sul, cada uma com uma influência étnica diferente. Percebeu que os metropolitanos vocalizavam mais que os outros grupos étnicos analisados, quais sejam alemães, italianos e fronteiriços, o que levou a crer que o processo se inicia na capital e é, aos poucos, reproduzido nas cidades do interior. A mesma autora alertou para a relevância da variável idade na evolução do fonema, confirmando o que disse Dal Mago (1998), que a vocalização é mais significativa nos mais jovens.

Hora (2006) também investigou a lateral e constatou que a vocalização apareceu em 84% dos casos que analisou. O autor percebeu ainda que a posição na palavra em que a lateral pós-vocálica aparece influencia a sua produção, sendo a variante aspirada [h] mais frequente no interior da palavra e o zero fonético [Ø] no final da palavra. Com relação aos fatores extralinguísticos, Hora observou que a idade se mostra relevante no processo de vocalização, porém o sexo não. Com relação ao fator idade, o autor chegou às mesmas conclusões que Quednau (1993), apontando que a vocalização é maior entre falantes mais jovens. O autor também percebeu que a vogal [u] antes da lateral favorece o apagamento. Observou também que o apagamento é mais comum nos grupos menos escolarizados, seja qual for a vogal precedente.

Além dos trabalhos mencionados acima, Pinho & Margotti (2010) mencionam ainda uma grande pesquisa desenvolvida pela Universidade Federal da Bahia, com o apoio de outras instituições de nível superior, na qual foram analisadas as falas de informantes de todas as capitais do Brasil, a fim de construir-se o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)³. De acordo com os resultados obtidos nessa investigação, temos que, de fato, a vocalização predomina no português brasileiro, representando um total de 88% dos casos. Constatou-se ainda que quanto mais ao sul do país, maiores são as chances de aparecer a lateral plena [l] ou velarizada [ɭ]. Essas ocorrências, no entanto, só foram encontradas em falantes mais velhos, sinalizando mais uma vez um processo de mudança em andamento. Os casos de apagamento foram verificados com maior frequência nas regiões nordeste e norte, com 13% e 5% dos casos, respectivamente. Com relação à influência dos fatores linguísticos, os autores descobriram que as vogais [o], [ɔ] e [u] favorecem o apagamento da lateral.

As constatações feitas sobre a lateral pós-vocálica no Brasil indicam um possível processo de mudança na própria estrutura silábica da língua. Percebemos através dos

³ O Atlas Linguístico do Brasil, conforme consulta ao site < <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>>, em 16/10/2013, encontra-se ainda em elaboração sob coordenação da UFBA.

resultados acima destacados que a sílaba CVC é cada vez menos frequente, deixando lugar para sílabas do tipo CVV e CV. Esta mesma tendência também é percebida quando a consoante que ocupa a coda é /N/ ou /r/, surgindo na maioria das vezes sílabas abertas, seja com a nasalização da vogal no primeiro caso ou a tepe na posição de coda.

Esses estudos ajudam a construir um panorama da variação da lateral pós-vocálica no português do Brasil. Eles são relevantes para esta pesquisa, pois nos permitem conhecer um pouco mais o comportamento de tal variável. Destacamos, porém, que trabalharemos com a variação da lateral do português falado em Guiné-Bissau e Cabo Verde, quando em contato com a variedade do português brasileiro.

2 Sociolinguística quantitativa e Teoria da acomodação

2.1 Sociolinguística quantitativa

O termo sociolinguística refere-se ao estudo da relação entre língua e sociedade, mais precisamente em como aspectos sociais se revelam nas línguas humanas, influenciando-as, de modo a provocar variações ou até mesmo mudanças linguísticas. Temos três correntes sociolinguísticas: a sociolinguística quantitativa, fundada por William Labov (1972), a etnografia da comunicação, de Hymes (1972), e a sociolinguística interacional (ou interpretativa), representada principalmente pelas ideias de Gumperz (2002 [1982]). Este estudo concentra-se na área de estudos da sociolinguística quantitativa (DUCROT & SCHAEFFER, 1972).

A teoria da variação ou sociolinguística quantitativa foi inaugurada por Labov (2008 [1972]), em 1966, ao buscar compreender o que estava por trás da heterogeneidade encontrada nas línguas, que não se reduzem a estruturas homogêneas, o que implica em diversidade nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico. Nesta teoria defende-se a ideia que a variação não ocorre por acaso, ela é sistemática e motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos. O papel do sociolinguista é identificar esses fatores e mensurar a importância de cada um para determinado fenômeno linguístico. Esta corrente teórica se preocupa com toda variação que não seja de ordem individual apenas, podendo ser social ou estilística. A heterogeneidade social refere-se às diferenças motivadas pela estratificação social, seja de idade, sexo, classe, país, etc., e a estilística se refere ao grau de monitoramento prestado à fala.

A sociolinguística variacionista surgiu em oposição ao gerativismo da década de 1950, que procurou elaborar um modelo teórico formal que pudesse descrever a faculdade da linguagem humana, buscando encontrar princípios universais presentes em todas as línguas, que decorressem de características mentais da espécie humana (MARTELOTA, 2010). Na busca por esse modelo teórico, que analisa a linguagem inspirando-se em paradigmas da matemática, ela passou a ser considerada de forma abstrata e universal. Dessa forma, o gerativismo afastou seu olhar da língua em uso, deixando de incluir em seus estudos a variação linguística. Foi nesse contexto histórico que alguns linguistas procuraram novos caminhos para os estudos da linguagem, que privilegiassem seus usos e levassem em conta a dimensão social da língua. Dentre esses caminhos, destaca-se a sociolinguística variacionista.

Diante disso, pode-se dizer que a sociolinguística variacionista trouxe como grande contribuição para os estudos da linguagem o foco na língua em uso, anteriormente considerada difícil de investigar, sendo por isso deixada de lado nas investigações de algumas correntes linguísticas. Além de destacar a fala como objeto de pesquisa e levar em conta sua heterogeneidade característica, a teoria da variação inovou no que diz respeito ao instrumento de coleta de dados e à metodologia utilizada para analisar a variação. Falaremos um pouco sobre o instrumento de coleta e em seguida sobre a metodologia de análise da sociolinguística.

O instrumento de coleta de dados típico da Sociolinguística Quantitativa é a entrevista, tendo em vista a necessidade sentida por Labov de construir um instrumento que permitisse a comparação entre distintos falantes. Para tanto, a presença do pesquisador se faz necessária para introduzir os tópicos da entrevista, bem como para fazer surgir na fala do entrevistado a variável linguística investigada. Acontece que a sua presença, bem como a do gravador, pode intimidar o informante, de modo a comprometer a naturalidade desejada neste tipo de pesquisa. Este dilema vivenciado por todo pesquisador sociolinguista é conhecido como paradoxo do observador.

Para solucioná-lo, ou ao menos diminuir a influência do pesquisador, Labov (2008 [1972]) propôs o método da entrevista sociolinguística, onde o pesquisador procura estimular no informante narrativas de experiências pessoais, dentre outras estratégias. Ele deve preparar, previamente, um roteiro de perguntas, a fim de homogeneizar os dados dos informantes e controlar os tópicos que considerar pertinentes dentro desta perspectiva de trazer à tona experiências pessoais dos informantes. Os tópicos podem ser sonhos, futuro, namoro, infância, medo, família, trabalho, etc., e ainda o considerado mais impactante, o perigo de morte, onde se solicita ao informante que relate alguma situação vivenciada em que tenha sentido a proximidade da morte. Lembramos que todos os tópicos mencionados deverão sempre ser adaptados à realidade da comunidade estudada. Labov acreditava que, dessa forma, o informante seria envolvido por emoções vividas em sua própria trajetória e deixaria de atentar para a forma como está falando.

No momento da entrevista, o pesquisador deve adotar a postura de aprendiz-interessado na comunidade, procurando aprender tanto quanto for possível sobre aquelas pessoas. Mais que uma postura metodológica, esse interesse e o conhecimento assim produzido, trazem elementos importantes para a interpretação dos resultados. Além disso, o pesquisador deve sempre evitar a palavra língua, para que o informante, mais uma vez, não venha a prestar atenção no modo como fala, e foque exclusivamente no conteúdo de sua fala.

Mesmo adotando as estratégias mencionadas acima, a formalidade inerente à entrevista ainda preocupava Labov em sua busca pela fala mais natural e espontânea possível, o vernáculo. Impossibilitado de obter a fala absolutamente espontânea em uma pesquisa sociolinguística, o pesquisador propôs utilizar níveis mensuráveis de formalidade e informalidade dentro da própria entrevista. Para tanto, adotou algumas estratégias para obter uma fala menos monitorada, tais como: monitorar a fala do informante com uma terceira pessoa, a fala não relacionada às questões estabelecidas, questões voltadas para hábitos de infância, e o tópico “perigo de morte”. Assim, Labov utiliza o que ele chama de variação de estilo como estratégia para monitorar graus de formalidade dentro da entrevista, comparando, por exemplo, estilo de leitura, lista de palavras, pares mínimos etc. É importante observarmos que o controle da variável estilo refere-se ao grau de monitoramento prestado à fala. Mais adiante falaremos novamente sobre o controle da variável estilo.

A partir dos dados coletados com a entrevista, podemos analisá-los. Para isso, Labov correlacionou fatos linguísticos a fatos sociais estratificados, como idade, sexo, região, escolaridade etc. Dessa maneira, conseguiu identificar fatores que favorecem ou desfavorecem determinada variante linguística, conferindo sistematicidade ao aparente caos linguístico que constitui a variação. O autor buscou compreender o processo de variação tanto em função dos fatores extralinguísticos, relacionados ao falante a partir de suas inserções sociais, quanto em função dos fatores linguísticos, internos à língua. O termo sociolinguística refere-se a esta intrincada relação entre sociedade e língua.

Antes de continuarmos, convém apresentarmos aqui alguns conceitos próprios da teoria em questão, que serão utilizados ao longo desta dissertação. Segundo Tarallo (2007, p. 8), variantes linguísticas são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Ainda de acordo com o autor, temos que a variável linguística corresponde ao conjunto de variantes. Instanciando os conceitos para a nossa pesquisa, observamos que a lateral é a nossa variável, e os fonemas /w/, /l/ e o apagamento /Ø/ são as variantes que o compõem.

Conforme será descrito no próximo capítulo, Desenho da pesquisa, optamos por utilizar neste trabalho o instrumento de coleta e os métodos propostos por Labov.

2.2 Contato dialetal e teoria da acomodação

Assim como Labov, Peter Trudgil (1986) em seu livro intitulado *Dialects in Contact* procurou estudar mudanças linguísticas que ocorrem na fala, no entanto, seu foco foram as mudanças que ocorrem em decorrência do contato de dialetos. O autor analisou diversas situações de contato dialetal descritas na literatura e procurou propor generalizações a partir delas. Ele estava interessado em saber como e por que variedades linguísticas podem se influenciar mutuamente. Esta vertente de investigação se concentra na área da Sociolinguística, especialmente porque considera a relevância do comportamento humano em interações face a face no estudo de contatos de dialeto. Diferencia-se, no entanto, da sociolinguística interacional, uma vez que, assim como a sociolinguística laboviana, concentra-se mais na forma da língua do em outras questões de cunho social. O autor propôs, como grande objetivo desta linha de investigação, a possibilidade de prever com razoável precisão o que irá acontecer quando um dialeto com determinadas características demográficas, culturais e linguísticas entrar em contato com outro que apresenta características diferentes. Sabe-se, no entanto, que, por se tratar de variáveis humanas com as quais esta abordagem trabalha, esta previsão exata é impossível de ser alcançada, uma vez que o comportamento humano envolve sempre a dimensão da liberdade, o que não significa que a busca por regularidades e sistematizações do conhecimento não possa ser tentada.

Segundo o autor, em situações de contato, itens de uma variedade são transferidos para a outra, sem necessariamente haver um propósito comunicativo, ocorrendo o que ele chama de interferência. Não se sabe ao certo as razões desta interferência, porém podemos encontrar na teoria da acomodação de Giles et al. (1991) algumas explicações. Em linhas gerais, a teoria da acomodação destaca a importância do interlocutor no processo de variação, ela diz que o falante faz ajustes linguísticos quando interage com um interlocutor de um dialeto diferente.

Inicialmente, Giles publicou estudos sobre a teoria da acomodação da fala (*speech accommodation theory* - SAT), que, além de discutir o fenômeno da convergência interpessoal em uma situação de contato, teceu críticas à abordagem laboviana quanto ao aspecto da variação de estilo como monitoramento prestado à fala. Giles argumentou que aquilo que Labov tratou como níveis de formalidade-informalidade do contexto e estilo como monitoramento prestado à fala, poderia ser reinterpretado considerando-se a influência do interlocutor na fala do falante. Por exemplo, nas situações que Labov descreveu de mudança de estilo em razão da introdução de tópicos como risco de morte ou por desligar o gravador após a entrevista, a variação ocorrida poderia ter sido ocasionada pela mudança na própria fala do entrevistador. Ou seja, ao contrário do que propôs Labov (2008 [1972]), a teoria da

acomodação retira a atenção voltada ao estilo como variável influenciadora da variação, e chama a atenção para a relação com o interlocutor, e alguns atributos envolvidos nesta relação interpessoal ou entre as próprias variedades linguísticas, como atributos de prestígio e estigma que caracterizam os dialetos, questões de identificação cultural, atitudes linguísticas, etc. Essas questões, no entanto, são mais difíceis de mensurar, embora devam também ser levadas em consideração. Essa discussão será retomada quando se fizer necessário.

Com o passar do tempo e o aprofundamento das investigações, a teoria da acomodação da fala (SAT) evoluiu para uma abordagem mais interdisciplinar, ampliando seu campo de estudo para além dos aspectos específicos da língua, considerando também a dimensão discursiva e não verbal da interação social. Esta nova abordagem é conhecida como teoria da acomodação da comunicação (communication accommodation theory - CAT).

Em uma situação de contato dialetal, há duas direções básicas que um falante pode seguir ao ajustar sua fala: convergência ou divergência. Esses ajustes podem ser provocados por motivações de natureza diversa, como por exemplo, desejo de aprovação ou interesse em marcar diferenças culturais. A convergência é definida por Giles et al. (1991) como sendo uma estratégia onde indivíduos adaptam-se ao comportamento comunicativo dos outros, em termos de características não-verbais, prosódicas e linguísticas, incluindo velocidade de fala, fenômeno da pausa e comprimento da frase oral, variantes fonológicas, sorriso, olhar, etc.⁴ O falante aproxima sua expressão oral na direção do interlocutor, a fim de receber sua aprovação.

A divergência, por sua vez, é o termo utilizado para se referir à forma pela qual os falantes acentuam as diferenças verbais e não verbais da sua forma de falar em relação aos interlocutores.⁵ Os falantes reforçam traços de seus dialetos de origem, marcando com mais força as diferenças linguísticas com os interlocutores.

Há ainda os casos de não convergência, onde o falante não muda sua forma de falar na presença de outros, ele mantém sua identidade linguística sem reforçar seus traços mais característicos.

Ressaltamos que esses mecanismos de ajustes podem acontecer nos níveis fonológico, lexical e sintático, além dos aspectos não linguísticos do comportamento humano, tais como movimento do corpo, proximidade, ritmo e velocidade da fala, silêncio, direção do

⁴ “(...) a strategy whereby individuals adapt to each other’s communicative behaviors in terms of a wide range of linguistic-prosodic-nonverbal features including speech rate, pausal phenomena and utterance length, phonological variants, smiling, gaze, and so on.” (Giles et al., 1991, p.7)

⁵ “‘Divergence’ was the term used to refer to the way in which speakers accentuate speech and nonverbal differences between themselves and others.” (Giles et al., 1991, p.8)

olhar, contato com os olhos, etc., investigados principalmente pela psicologia e pelas teorias da comunicação.

Os processos de convergência e divergência são complexos, tanto podem se dar na direção da variedade que goza de mais prestígio ou da variedade estigmatizada, menos valorizada socialmente, não padrão. Além disso, em um processo de convergência, o falante não irá necessariamente convergir em todas as variáveis e níveis de que dispõe. Temos ainda que um mesmo falante pode convergir em alguns aspectos da língua e divergir em outros. Os processos de convergência podem ser simétricos ou assimétricos, sendo simétrico quando ocorre na direção de outro indivíduo da mesma categoria do falante, por exemplo, uma mulher que converge na direção de outra mulher, e assimétrico quando a convergência ocorre na direção de um indivíduo da categoria oposta, por exemplo, uma mulher que converge na direção de um homem.

Outro aspecto interessante que pode acontecer no contato de dialetos é a hiperconvergência ou divergência cruzada, que ocorre quando, em uma tentativa de convergir, o falante segue na direção do dialeto do interlocutor, e ultrapassa-o, expressando-se em uma variedade mais marcada do que a de seu objetivo inicial.

O processo de acomodação pode ser objetivo e subjetivo. É objetivo quando o falante de fato acomoda na direção da fala do interlocutor, e é subjetivo quando o falante acomoda para o que ele imagina ser a fala do interlocutor, baseando-se geralmente em estereótipos ou imagens pré-concebidas. De acordo com o quadro abaixo, temos quatro situações distintas que descrevem a relação entre acomodação subjetiva e objetiva.

Dimensões objetivas e subjetivas da acomodação da fala		Acomodação subjetiva	
		Convergência	Divergência
Acomodação objetiva	Convergência	A	B
	Divergência	C	D

Quadro 4 - Dimensões objetivas e subjetivas da acomodação da fala (Giles et al., 1991, p.15)

De acordo com o quadro 4, nas situações A e D o falante acomoda na mesma direção que imagina estar acomodando, ao passo que nas situações B e C, a correspondência não é unívoca, em B o falante converge objetivamente, mas imagina estar divergindo, e em C o falante diverge objetivamente, porém imagina estar convergindo. A acomodação objetiva também é conhecida por acomodação linguística, enquanto que a acomodação subjetiva é tida

como acomodação psicológica. Há ainda casos em que o falante acomoda na direção de onde ele imagina que os outros esperam que ele esteja. Conforme percebemos diante das explicações acima, o fenômeno da acomodação dialetal é complexo e exige a observação de aspectos subjetivos nas análises.

Uma importante motivação para o processo de convergência é o desejo de integração social ou identificação com outros indivíduos, que reflete, de um modo geral, desejo de aprovação, geralmente associado à descoberta de semelhanças entre indivíduos. No caso da divergência, a motivação também pode ser uma busca por identificação, porém, neste caso, o falante busca identificação com um grupo de referência externo à situação interacional, a fim de demonstrar uma identidade social positiva associada àquele grupo.

Além disso, Giles et al. (1991) diz ainda que, na literatura sobre acomodação, a variável poder tem se mostrado como uma das mais relevantes influenciadoras desse processo. Por exemplo, existe uma tendência maior de convergência para colegas de trabalho que ocupam posições superiores do que inferiores, vendedores acomodam mais na direção dos clientes do que o contrário (os clientes detêm o poder econômico), migrantes tendem a acomodar mais na direção de etnias historicamente favorecidas, dentre outras situações semelhantes que são marcadas por hierarquias. A partir desses estudos, percebeu-se que não apenas o desejo de aprovação e integração social motivam a acomodação dialetal, mas também finalidades instrumentais podem ser fortes catalisadoras da acomodação.

A acomodação dialetal pode ser de curta ou longa duração. A acomodação de longa duração é aquela em que um indivíduo passa a morar em um ambiente onde a maior parte da população com quem ele convive fala uma variedade diferente. Neste caso, é fácil prever quem acomoda para quem, sendo, obviamente, o falante que se deslocou. Cabe a quem investiga este tipo de contato, perceber como os falantes acomodam, em que medida eles acomodam, e por que algumas situações e alguns indivíduos produzem mais ou diferentes tipos de acomodação do que outros. A acomodação de curta duração, por sua vez, é aquela que ocorre quando o contato entre os falantes é momentâneo, sendo mais difícil prever a direção da variação, que pode ser de ordem social, regional, geracional, etc. A acomodação de curta duração interessa mais à área da psicologia social, enquanto que a de longa duração é mais interessante para o linguista.

2.3 Língua e identidade

De acordo com Tabouret-Keller (1997), a relação entre língua e identidade é altamente intrincada. Através da língua, manifestamos identidades com as quais desejamos nos associar ou nos distanciar. Dizemos através dela se desejamos pertencer a determinado grupo social ou nos afastar dele. Também através da língua reconhecemos o outro como diferente. Ela possibilita a identificação do outro e o nosso próprio reconhecimento. A identidade de um indivíduo é um processo de construção contínuo e interminável ao longo da vida, redefinindo-se de acordo com sujeições sociais (que podem ser históricas, institucionais, econômicas), com a diversidade de interações sociais, de encontros e desejos subjetivos.

Ainda de acordo com o autor, identificação é o processo psicológico pelo qual as várias identidades se constroem e reconstroem continuamente. Cada pessoa explora diferentes camadas de identidades, formando uma rede própria mais ou menos intrincada e encapsulada, algumas das quais são fluídas e propensas a mudanças e substituições, outras conservando-se mais permanentes ao longo da vida. Nós somos identificados, e nos identificamos, de acordo com diferentes grupos de que fazemos parte, sejam estes de cunho institucional, profissional, de amizades, etc. Até mesmo a apropriação de nossa casa, escritório, carro, vestuário, se incorpora a nossas identidades.

O vínculo entre língua e identidade é tão forte que um simples traço do uso da língua é suficiente para identificar alguém como membro de um determinado grupo. Por exemplo, apenas um simples fonema diferenciador já pode ser suficiente para incluir ou excluir alguém de determinado grupo social.

Tabouret-Keller (1997) diz ainda que através da língua é possível unir as identidades individuais e sociais. Há duas razões principais para explicar o vínculo entre língua e identidade. A primeira, no campo da psicologia, diz que o processo de construção identitária abrange desde a identificação dos recém-nascidos com a mãe através dos processos de amamentação, alimentação e demais cuidados maternos, até a imitação consciente ou inconsciente do outro. A língua é um dos instrumentos privilegiados que evidencia esses processos de identificação. A segunda razão diz respeito às normas legais, que se configuram na definição da língua oficial. Ela passa a simbolizar a nação, afirmando-se como um dos elementos centrais de identificação de um povo, desempenhando a função de garantir a unidade nacional.

Vemos assim que a língua é um marcador de identidade. Os modernos estados-nações, que hoje ocupam a maior parte do território mundial, intervêm na idealizada união da língua e da identidade através de várias maneiras: pela definição de uma língua oficial, pelo controle da língua utilizada no ensino formal, na lei e na justiça, etc. Essa unidade linguística

idealizada não corresponde totalmente à realidade cultural, havendo em muitos casos grupos populacionais que são bilíngues, ou que falam uma língua diferente da oficial de seus países. O uso de línguas não oficiais pode expressar escolhas políticas, identidades familiares, etc. Em algumas situações de contato dialetal, o uso de línguas não oficiais pode levar a sentimentos de inferioridade, discriminação ou exclusão com relação ao grupo dominante, ou ainda, no sentido contrário, a sentimentos de familiaridade, reconhecimento e cumplicidade entre aqueles que compartilham a língua.

Algumas questões são relevantes no tocante à relação entre língua e identidade, como por exemplo: em que medida participar de um grupo identitário é uma questão de escolha? Quais são as condições para admissão em um grupo linguisticamente definido? Quais são os sentimentos, motivos, e lealdades dos indivíduos em relação aos grupos a que se filiam?

A teoria da acomodação de Giles trabalha com o conceito de grupo étnico, definindo-o como sendo um conjunto de indivíduos que percebem a si mesmos como sendo pertencentes a uma mesma categoria étnica. Um postulado básico da teoria da acomodação é que as pessoas são motivadas a ajustar seu estilo de fala ou acomodar como meio de expressarem valores, atitudes e intenções em relação a outros. Propõe-se que a medida em que indivíduos modificam seus estilos de discursos em favor ou contra seus interlocutores é um mecanismo pelo qual se comunica aprovação ou desaprovação social. Uma mudança no estilo do discurso na direção do outro é chamada convergência e é considerada sempre um reflexo de integração social, enquanto que uma mudança contrária ao discurso do outro representa divergência e é frequentemente considerada uma tática de dissociação social.

Avançando nessa reflexão, Le Page⁶ (1968, 1978 apud TABOURET-KELLER, 1997, p. 322) dá mais atenção à dimensão individual do falante. O autor diz que os atos de fala de um falante refletem as projeções sociais com as quais o indivíduo deseja se identificar ou se distinguir. Atos de fala são vistos como atos de projeção, através dos quais um falante projeta seu universo interno e, implicitamente, convida os outros para compartilharem este universo, na medida em que eles reconhecem essa língua como uma simbolização acurada do mundo.

⁶ LE PAGE, R. B. *Problems of description in multilingual communities*. Transactions of the Philological Society. 1968.

LE PAGE, R. B. *Projection, focussing, diffusion. Or: Steps towards a sociolinguistic theory of language, illustrated from the sociolinguistic survey of multilingual communities, stages I: Cayo District, Belize (formerly British Honduras) and II: St. Lucia*. York Papers in Linguistics. 1978.

Enfatizando a dimensão cultural, Tabouret-Keller (1997) diz que só é possível essa interação (identificação/distinção) entre A e B (indivíduos), na medida em que uma cultura C é compartilhada por eles.

2.4 Atitudes linguísticas

Atitudes linguísticas podem ser definidas genericamente como sendo as impressões que um indivíduo tem a respeito de determinada língua, por exemplo, se ele a julga como sendo bonita, feia, rica, pobre, doce, desagradável, etc. Alguns estudos sobre atitudes estendem este conceito para as impressões que um indivíduo tem acerca dos falantes de determinada língua.

Segundo Fasold (1984), os métodos para investigar atitudes linguísticas podem ser diretos ou indiretos. É direto quando o informante é questionado explicitamente sobre o que pensa a respeito da língua investigada. É indireto quando essa apreciação sobre a língua é obtida sem que o falante saiba que é este o objetivo da questão.

Há um método experimental que se tornou padrão nas pesquisas sobre atitude, conhecido por *matched-guise*. Nesta técnica, falantes bilíngues leem trechos equivalentes nas duas línguas investigadas e gravam-nos. Em seguida, esses trechos são organizados em uma sequência de modo que dois trechos de um mesmo falante não apareçam em sequência. O objetivo deste artifício é disfarçar para o ouvinte o fato de que se trata da mesma pessoa falando em duas línguas diferentes. Em seguida, essas gravações são apresentadas a um grupo bilíngue de ouvintes da mesma comunidade de fala, e é pedido que eles avaliem cada trecho considerando diversos aspectos, tais como inteligência, classe social e simpatia. A partir desses dados, obtêm-se apreciações do grupo sobre cada língua, uma vez que os falantes são os mesmos e o conteúdo também se repete.

Para dar suporte à etapa das apreciações dos ouvintes no método *matched-guise*, há uma técnica frequentemente utilizada conhecida como escala semântica diferencial. Nesta técnica, o ouvinte recebe um papel com os adjetivos que se deseja analisar postos em um contínuo onde cada extremidade é preenchida com adjetivos antônimos, como rico e pobre. Os ouvintes devem marcar em que ponto do contínuo aquele falante se enquadra, se mais perto do adjetivo rico ou pobre. Apresentamos a seguir um exemplo de escala semântica diferencial.

Rico _____ Pobre

Após coletar todas as avaliações dos ouvintes, o pesquisador deverá atribuir uma numeração sequencial para cada espaço da escala semântica, conforme demonstrado abaixo:

Rico _____ Pobre
 1 2 3 4 5 6

Associando as respostas dos ouvintes à escala valorada, pode-se fazer uma média aritmética com as opiniões de todos os ouvintes sobre cada característica de cada falante. Lembramos que cada falante será avaliado duas vezes, uma em cada língua que fala, e assim será possível comparar os resultados considerando as diferenças de atitude apenas com relação às línguas, haja vista que são os mesmos falantes e o mesmo conteúdo que compõem os trechos.

Além das técnicas descritas acima, há ainda outras que atendem à mesma finalidade, tais como questionários, entrevistas e observações.

Nesta pesquisa, para a análise das atitudes linguísticas utilizamos a técnica da entrevista, através de perguntas abertas sobre a língua em questão, e registrando-se as respostas com o auxílio de um gravador. A vantagem desta técnica é a possibilidade do entrevistador intervir caso o informante, em sua resposta, se distancie do tópico questionado. A desvantagem é ser uma técnica custosa no que diz respeito a tempo e dinheiro.

3 Desenho da pesquisa

3.1 Amostra e coleta de dados

A amostra constitui-se de sete (07) informantes, entre 20 e 30 anos, provenientes de Guiné-Bissau e Cabo Verde, e residentes na cidade de João Pessoa/PB. Todos eles participam ou participaram de um programa internacional estabelecido entre o Brasil e alguns países em desenvolvimento – o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), no qual os estudantes têm a oportunidade de cursar gratuitamente uma graduação no Brasil, devendo apenas custear suas despesas de manutenção (BRASIL, 2013).

O acesso inicial à comunidade africana se deu através de uma moradora do bairro dos Bancários, que tinha contato com um africano proveniente do Congo, em decorrência de relações cordiais estabelecidas na própria vizinhança. Por meio dele, obtivemos acesso ao primeiro informante lusófono, e, posteriormente, através de uma rede de indicações que se seguiram, chegamos ao grupo participante desta pesquisa.

A coleta de dados se deu através de entrevistas orais gravadas com auxílio de um gravador digital Sony IC RECORDER ICD-BX800, e foram divididas em cinco etapas:

Etapa 1: Contato Inicial

Nesta etapa, ocorreu uma conversa informal, na qual nos apresentamos como pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) e expomos de maneira breve o tema da pesquisa em questão. Explicamos que se tratava de uma pesquisa sobre diferenças e semelhanças culturais entre países africanos e o Brasil, sem mencionar, porém, que o foco era a língua. Pedimos que lessem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), ao passo que destacamos verbalmente a possibilidade de desistirem a qualquer momento da participação no estudo, bem como lhes asseguramos o anonimato. Pedimos que preenchessem também uma ficha de caracterização do entrevistado (APÊNDICE B – Ficha de caracterização do entrevistado), a ser utilizada na classificação dos sujeitos de acordo com as variáveis, bem como na análise qualitativa, realizada no Capítulo 5. Por fim, comentamos como seriam as etapas seguintes da entrevista, com exceção da

etapa 3 (Módulo Língua), haja vista que falar expressamente sobre língua pode comprometer a qualidade dos resultados da pesquisa sociolinguística (TARALLO, 2007). Esta etapa durou em média 10 minutos.

Etapa 2: Entrevista sociolinguística propriamente dita

Seguindo-se as recomendações de Labov (1984), nesta primeira etapa da entrevista, buscamos chegar à fala mais natural dos informantes, tentando minimizar o efeito intimidador causado pela presença do gravador e do papel de pesquisador, tal como observamos no capítulo anterior ao mencionar o paradoxo do observador (Seção 2.1 Sociolinguística quantitativa). Para tanto, procuramos estimular narrativas de experiências pessoais, pois, ao descrevê-las, o informante tende a apresentar uma carga emocional que o deixa menos monitorado com relação à fala. Adicionalmente, buscamos adotar a postura de aprendiz-interessado na comunidade observada, de modo a construir uma relação de proximidade com o informante, atenuando a dissimetria inerente à relação pesquisador-pesquisado. Nesta etapa, seguimos um roteiro pré-planejado (APÊNDICE C – primeira parte), baseado em Tagliamonte (2008), e adaptado à realidade dos entrevistados. O roteiro foi dividido em cinco módulos: Pessoal; Cultura Africana x Cultura Brasileira; Viagens; Futuro/Sonhos; e Risco de Morte. Esta etapa da entrevista teve duração média de 30 minutos.

Etapa 3: Entrevista Módulo Língua

Esta etapa apresenta-se como uma continuação da etapa anterior; ou seja, não há marcação expressa para seu início, de modo que continuamos com a entrevista, porém, direcionando agora as perguntas para o tema língua (APÊNDICE C – última parte). Aqui, os informantes devem comentar sobre suas percepções acerca das diversas variedades de língua portuguesa com que têm contato, além de elaborar breves apreciações sobre sua própria maneira de falar. O conteúdo resultante desta etapa será utilizado na Análise Qualitativa, explicado adiante na seção 3.3 Método de análise. Esta etapa teve duração média de 10 minutos.

Etapa 4: Leitura de Textos

Considerando que a variável estilo foi uma das eleitas para ser monitorada nesta pesquisa, o estilo Leitura de Textos é controlado da seguinte forma: apresentamos aos informantes pequenos textos (APÊNDICE D) postos em uma apresentação de Power Point e pedimos-lhes que leiam-nos em voz alta. Os textos apresentam 45 palavras contendo a lateral pós-vocálica em diferentes contextos linguísticos, e contendo ao menos duas palavras para cada instância de variável linguística possível, conforme desenho da pesquisa apresentado no item 3.2 O Envelope de Variação.

Etapa 5: Lista de palavras

Ainda em apresentação de Power Point, extraímos dos textos da etapa anterior todas as palavras com laterais pós-vocálicas, adicionamos algumas distratoras, e as apresentamos isoladamente em slides para leitura. Dessa maneira, o estilo Lista de palavras foi também controlado. Esta etapa marca o fim da entrevista, e, junto com a etapa anterior, durou entre 5 e 10 minutos, totalizando cerca de 60 minutos para finalizar o encontro com o informante.

As entrevistas foram realizadas em sua maioria na Universidade Federal da Paraíba ou na residência dos informantes. O critério mais relevante para a escolha do local foi o conforto dos participantes, haja vista o impacto que este aspecto causa na fala; e, em segundo lugar, predominou a escolha por ambientes silenciosos, que proporcionassem boa qualidade sonora de gravação.

3.2 O Envelope de Variação

Apresentamos neste tópico todas as variáveis controladas neste estudo, e as respectivas justificativas para selecioná-las.

3.2.1 Estilo

Conforme apresentamos no capítulo anterior, de acordo com Labov (2008 [1972]), a variável estilo é controlada de acordo com o grau de monitoramento prestado à fala, que varia da fala casual à fala monitorada. A fala casual é aquela encontrada em situações

informais do cotidiano, aparecendo em conversas entre familiares e amigos, onde o falante geralmente apresenta o mais baixo nível de monitoramento à fala. No âmbito desta pesquisa, assim como na maioria das pesquisas sociolinguísticas, a forma de coleta de dados é a entrevista gravada. Esta modalidade de coleta é em si um procedimento formal, que impede a obtenção da fala casual. No entanto, mesmo não obtendo a fala absolutamente casual, podemos alcançar a sua correlata para a pesquisa sociolinguística – a fala espontânea. A fala espontânea é induzida pelo pesquisador através de perguntas pessoais, que geram no informante narrativas carregadas de emoção, fazendo com que ele preste mais atenção ao conteúdo do que à forma do que está falando. Ou seja, apesar de encontrada em um contexto formal, o nível de monitoramento da fala espontânea se aproxima do encontrado na fala casual. Nesta pesquisa, controlamos os níveis de monitoramento e a sua correlação com a variação linguística estudada através da variável estilo.

Adotamos alguns procedimentos utilizados por Labov (2008 [1972]) para isolar diferentes estilos de acordo com diferentes contextos, como mostramos abaixo:

a) Entrevista

Este estilo se caracteriza por tentar se aproximar tanto quanto for possível da fala mais espontânea. Para isso, nesta etapa, além de deixarmos o informante falar à vontade, buscamos fazer perguntas que incitem o relato de narrativas pessoais ou cujas respostas contenham forte carga emocional. Utilizamos perguntas como, por exemplo, a clássica pergunta sociolinguística: “Você já teve alguma experiência que te fez sentir perto da morte?”.

b) Leitura de textos

Neste estilo, apresentamos ao informante três textos, contendo várias ocorrências da lateral pós-vocálica, para que os leia em voz alta. Este estilo representa uma fala mais cuidada em comparação com o estilo anterior, no entanto, por se tratar de uma fala continuada, ainda preserva algumas características da oralidade, como sândi.

c) Lista de palavras

Este é o estilo mais monitorado de toda a entrevista. Aqui o entrevistado deve ler palavras isoladas que aparecem em forma de apresentação de slides.

3.2.2 Tempo de exposição

Em diversas pesquisas sobre dialetos em contato, tais como as de Chacon (2012), Martins (2008) e Marques (2006), o tempo ao qual os informantes foram expostos ao novo dialeto foi relevante no grau de acomodação do fenômeno avaliado: quanto maior o tempo de exposição, maior a convergência ao novo dialeto. Optamos, portanto, por controlar também a influência desta variável na variação da lateral pós-vocálica estudada neste trabalho. Segmentamos a variável em três grupos, da seguinte forma:

- a) Menos de 3 anos: com dois informantes.
- b) Entre 3 e 8 anos: com três informantes.
- c) A partir de 8 anos: com dois informantes.

3.2.3 País de origem

Cabo Verde e Guiné Bissau, apesar de formarem sozinhos o grupo linguístico conhecido como crioulo da Alta Guiné, apresentam diferenças marcantes entre si. O crioulo cabo verdiano, por não sofrer tanta influência dos dialetos africanos quanto o crioulo guineense, acaba se aproximando mais da língua portuguesa. Além disso, devido às próprias formações históricas dos dois países, comentadas brevemente no capítulo 1, Guiné-Bissau preservou de maneira mais contundente as tradições africanas, o que implicou uma identificação maior da população com a sua cultura de origem, diferentemente do que ocorre em Cabo Verde, onde, de acordo com Lewis et al. (2013), a maior parte da população reside fora do país. Tais questões de identidade cultural podem favorecer ou não a acomodação linguística para outro dialeto.

Desta forma, julgamos relevante fazermos o controle da variável ‘País de origem do informante’ com as duas variantes descritas abaixo:

- a) Guiné-Bissau

Neste grupo estão os informantes oriundos da República da Guiné Bissau. Encontramos quatro informantes para preenchê-lo.

- b) Cabo Verde

Neste grupo estão os informantes oriundos da República de Cabo Verde. Encontramos três informantes para preenchê-lo.

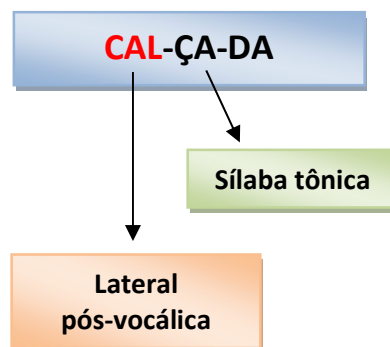
Além das variáveis mencionadas acima, consideramos relevante testar algumas variáveis estritamente linguísticas, pois poderiam favorecer ou não o processo de acomodação.

3.2.4 Tonicidade

De acordo com Martins (2008), a tonicidade da sílaba que contém a variável dependente pode ser um relevante fator que induz a acomodação ou não. Desta forma, controlamos esta variável independente subdividindo-a em três categorias, conforme descritas abaixo:

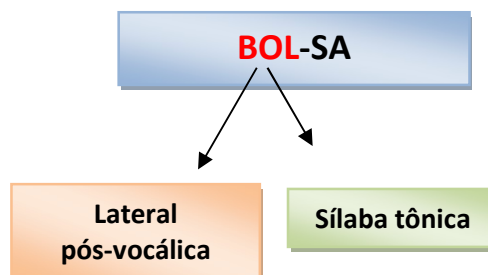
a) Pretônica

Ocorre quando a sílaba que contém a lateral pós-vocálica se encontra antes da sílaba tônica da palavra. Exemplos deste caso são: ‘alguém’ e ‘calçada’.



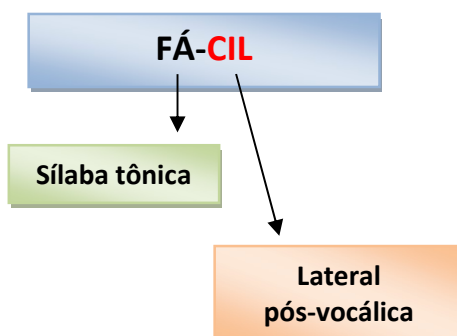
b) Tônica

Ocorre quando a lateral pós-vocálica coincide em aparecer exatamente na sílaba tônica da palavra. Exemplos deste caso são: ‘bolsa’ e ‘cálculo’.



c) Postônica

Ocorre quando a lateral pós-vocálica está localizada depois da sílaba tônica. Exemplos: ‘fácil’ e ‘álcool’.



3.2.5 Posição na palavra

Assim como Martins (2008), consideramos relevante analisar o impacto da variável posição na palavra na acomodação da lateral em estudo. Para isso, controlamos se a variável dependente aparecia na sílaba inicial, medial ou final da palavra, de modo que pudemos quantificar em quais dessas aparições o processo de acomodação se mostrou mais frequente. Além disso, adicionamos a categoria especial monossílabo, tendo em vista que a sílaba da palavra monossílabo é ao mesmo tempo inicial e final. Seguem abaixo as categorias com alguns exemplos ilustrativos:

a) Inicial

A lateral pós-vocálica aparece na sílaba inicial da palavra. Exemplo: ‘alto’ e ‘almoço’.

b) Medial

A lateral pós-vocálica aparece em uma sílaba medial da palavra. Exemplo: ‘escolta’ e ‘finalmente’.

c) Final

A lateral pós-vocálica aparece na última sílaba da palavra. Exemplo: ‘final’ e ‘azul’.

d) Monossílabo

Categoria especial para todas as palavras monossílabas. Exemplo: ‘sal’ e ‘mil’.

Segundo Marques (2006), os segmentos adjacentes ao fenômeno analisado podem influenciar a sua produção. Dessa forma, controlamos o contexto fonológico anterior e

posterior para verificarmos se há interferência desses segmentos na produção da lateral pós-vocálica.

3.2.6 Contexto fonológico anterior

Norteados pelo trabalho de Hahn e Quednau (2007), optamos por controlar o contexto fonológico anterior, tendo em vista que esta foi a variável selecionada pelo programa como sendo a mais relevante na pesquisa realizada pelas pesquisadoras, que analisou a variação da lateral pós-vocálica em Londrina. Dividimos esta variável em grandes grupos de fonemas, conforme descrito abaixo:

a) Vogal central

Palavras que apresentam a vogal central /a/ antecedendo uma lateral pós-vocálica, como em ‘almôndega’ ou ‘sal’.

b) Vogal média aberta

Palavras que apresentam as vogais médias abertas /ɛ/ ou /ɔ/ antes de uma lateral, como nos casos das palavras ‘papel’ e ‘pólvora’.

c) Vogal média fechada

Palavras que apresentam as vogais médias fechadas /e/ ou /o/ antecedendo uma lateral em posição de coda, como em ‘terrível’ ou ‘colcha’.

d) Vogal fechada /u/

Palavras que apresentam a vogal fechada /u/ antes de uma lateral em posição de coda silábica, como em ‘azul’ ou ‘cultura’.

e) Vogal fechada /i/

Palavras que apresentam a vogal fechada /i/ precedendo uma lateral pós-vocálica, como nas palavras ‘mil’ e ‘difícil’.

3.2.7 Contexto fonológico seguinte

Mais uma vez baseados em Hahn e Quednau (2007), controlamos a variável contexto fonológico seguinte. Assim como na variável descrita acima, dividimos esta nova variável em cinco categorias, conforme descrevemos abaixo:

a) Labial

Trata-se de palavras que apresentam alguma consoante labial sucedendo a lateral pós-vocálica, como ‘calma’, ‘culpado’ e ‘malba’.

b) Coronal

São palavras que apresentam alguma consoante coronal após a lateral pós-vocálica, como ‘solto’, ‘falso’ e ‘Alzira’.

c) Dorsal

Neste grupo estão incluídas palavras que têm uma consoante dorsal sucedendo a lateral pós-vocálica, como acontece em ‘palco’ e ‘alguém’.

d) Vogal

Neste caso, a lateral pós-vocálica é o último fonema da palavra, que é seguida por outra palavra iniciada por uma vogal, como nos casos de ‘canal estreito’ e ‘ramal ocupado’.

e) Pausa

Classificamos aqui todas as palavras terminadas em uma lateral pós-vocálica e seguidas de uma pausa. Exemplos: ‘pardal#’ e ‘sutil#’

3.2.8 Extensão do vocábulo

Ainda inspirada na pesquisa realizada por Martins (2008), optamos por controlar a variável extensão do vocábulo. A variável foi classificada da seguinte forma:

a) Monossílabo

Palavras monossílabas, como ‘sol’ e ‘mel’.

b) Dissílabo

Palavras dissílabas, como ‘calça’ e ‘pardal’.

c) Trissílabo

Palavras trissílabas, como ‘selvagem’ e ‘difícil’.

d) Polissílabo

Palavras polissílabas, como ‘falsidade’ e ‘calmamente’.

Inicialmente, controlamos também as variáveis idade, sexo e se mora com conterrâneos, porém, optamos por descartá-las devido ao número insuficiente de informantes, que não nos permitiu obter uma amostra significativa. Por exemplo, as idades dos informantes encontrados variam entre 20 e 30 anos, de modo que não há variação significativa que nos permita fazer uma análise que aponte para uma marca de diferença geracional.

No caso das variáveis sexo e se mora com conterrâneos, encontramos apenas uma informante do sexo feminino e um informante que não mora com conterrâneos, o que, da

mesma forma, não nos permite fazer uma análise quantitativa relevante relacionando estas variáveis à variação da lateral pós-vocálica.

Tais dificuldades revelam, na verdade, características da própria comunidade analisada. Por exemplo, foi possível perceber, com base em relatos dos entrevistados, que os africanos que vivem em João Pessoa têm um forte sentimento de pertença com relação à comunidade africana, de modo que se sentem mais inclinados a morarem com outros membros da própria comunidade do que com brasileiros ou sozinhos. Além disso, os círculos de amizade são mais ou menos homogêneos no que diz respeito ao sexo, de modo que, como o primeiro informante encontrado era do sexo masculino, praticamente todas as indicações que se sucederam foram do mesmo sexo, com exceção apenas da última entrevistada, que foi indicada por possuir uma relação de parentesco com um amigo de outro informante. Ainda, a pequena variação de idade encontrada no grupo estudado diz respeito à motivação que mais tem trazido africanos para viverem no Brasil, que é o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), mencionado no início deste capítulo, que, em seu edital, afirma que o estudante tenha preferencialmente até 23 anos no momento da migração.

3.3 Método de Análise

Para a análise quantitativa dos dados, codificamos o material gravado através de símbolos arbitrários para cada variante, conforme descrito no APÊNDICE E. Com o corpus codificado, utilizamos o programa Goldvarb X, próprio para a pesquisa variacionista, para obtermos dados estatísticos sobre a relevância de cada variável na acomodação dos falantes, possibilitando-nos fazer as interpretações comentadas no próximo capítulo. Realizamos nesta etapa três rodadas, com os valores de aplicação /w/, /ɫ/ e /Ø/, respectivamente.

Para a análise qualitativa, adicionamos à codificação anterior um caractere representando cada informante, a fim de controlarmos o grau de acomodação individual dos entrevistados. Relacionamos esses dados com as percepções e atitudes que eles demonstraram ter com relação aos dialetos ou países em estudo, através de trechos considerados reveladores de impressões sobre os dialetos ou sobre sentimentos de identificação, pertença ou rejeição aos países envolvidos. Tais trechos foram encontrados em sua maioria na Etapa 3 da entrevista, Módulo Língua. Analisamos esses trechos à luz do conceito de atitude linguística, bem como utilizamos algumas considerações da sociologia sobre identidade e comunidade.

4 Dialetos em contato: variação entre guineenses e cabo-verdianos em João Pessoa

Seguimos com a pesquisa realizando a análise estatística dos dados no programa Goldvarb X. Obtivemos no total 1184 ocorrências da lateral pós-vocálica, distribuídas nas seguintes proporções:

Tabela 1 - Resultado geral de ocorrências da lateral pós-vocálica

Variável dependente	Apl./Total	%
/l/	754/1184	64
/w/	351/1184	29
/Ø/	79/1184	7

Para melhor visualizarmos as informações da Tabela 1, apresentamos abaixo seu gráfico correspondente.

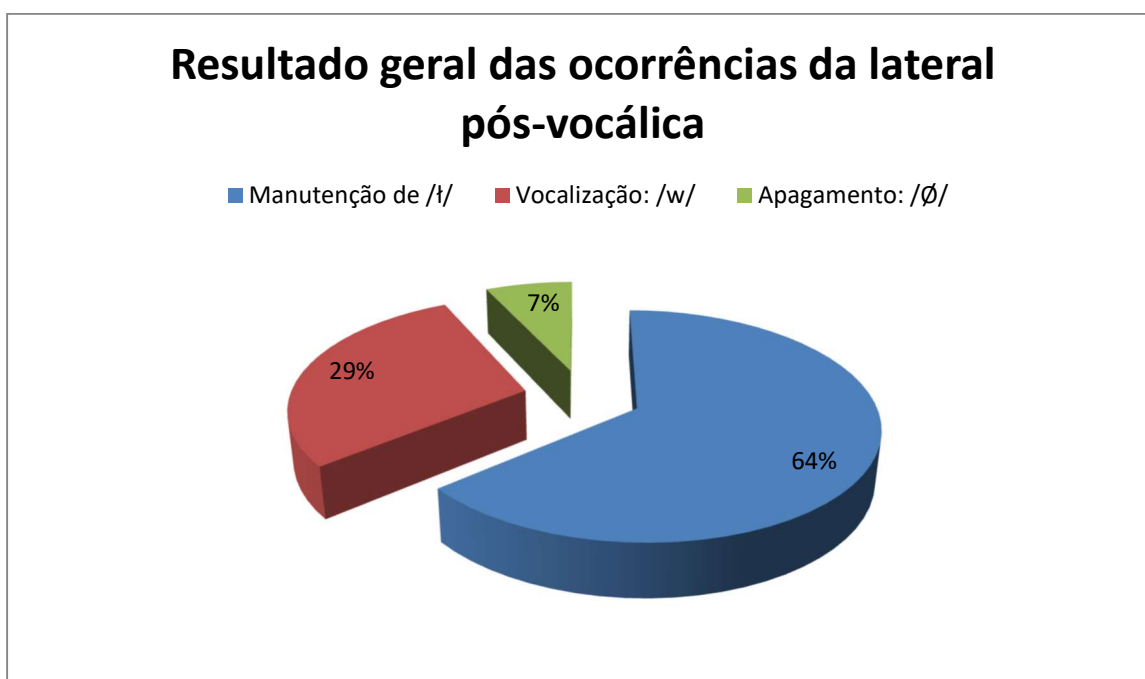


Gráfico 1 - Resultado geral da acomodação da lateral pós-vocálica

Como é possível perceber na Tabela 1 e no Gráfico 1, entre os falantes entrevistados predomina o uso da lateral velarizada, correspondendo a 64% dos casos (754 ocorrências). Apesar dessa predominância, podemos observar que também é expressiva a utilização da variante vocalizada, representada em 29% das situações (351 ocorrências).

Apenas os casos de apagamento se mostraram pouco expressivos entre os falantes. Esses dados gerais podem indicar a ocorrência de um processo de acomodação em andamento, tendo em vista que, mesmo sendo a lateral velarizada a forma de produção predominante nas variedades africanas em questão, quase um terço do total de laterais pós-vocálicas produzidas pelos entrevistados foram realizadas à maneira do PB.

Para avaliarmos a influência das variáveis independentes no processo de acomodação, fizemos, inicialmente, três rodadas de dados escolhendo um valor de aplicação diferente para cada uma, uma vez que propomos considerar três possíveis variantes para o fenômeno estudado (variável dependente). Na primeira rodada, obtivemos os dados referentes à aplicação de /w/, em seguida os dados referentes à aplicação de /ɬ/, e, por fim, alcançamos os dados referentes à aplicação do caso de apagamento /Ø/. Nesta última rodada, o programa selecionou apenas quatro variáveis: posição na palavra, país de origem, contexto fonológico seguinte e tonicidade, nesta ordem. Apenas nesses casos, portanto, os dados referentes ao apagamento serão comentados.

Nas duas rodadas com valores de aplicação /w/ e /ɬ/, a variável extensão do vocábulo foi a única descartada pelo programa, ou seja, sua influência não foi considerada relevante na produção de /w/ nem na manutenção de /ɬ/. As variáveis país de origem e tempo de exposição, nesta ordem, foram consideradas as mais relevantes para o fenômeno em ambas as rodadas. A fim de proporcionar ao leitor uma melhor visualização da ordem de importância de cada variável para cada valor de aplicação, apresentamos logo em seguida três quadros contendo a ordem em que as variáveis foram selecionadas pelo programa.

	Valor de aplicação: /w/
1ª	País de origem
2ª	Tempo de exposição
3ª	Tonicidade
4ª	Posição na palavra
5ª	Contexto fonológico anterior
6ª	Estilo
7ª	Contexto fonológico seguinte

Quadro 5 - Ordem de influência das variáveis independentes na vocalização da lateral

	Valor de aplicação: /l/
1ª	País de origem
2ª	Tempo de exposição
3ª	Posição na palavra
4ª	Contexto fonológico anterior
5ª	Estilo
6ª	Contexto fonológico seguinte
7ª	Tonicidade

Quadro 6 - Ordem de influência das variáveis independentes na manutenção da lateral velarizada

	Valor de aplicação: /Ø/
1ª	Posição na palavra
2ª	País de origem
3ª	Contexto fonológico seguinte
4ª	Tonicidade

Quadro 7 - Ordem de influência das variáveis independentes no apagamento

Antes de expormos os dados relativos às variáveis, lembramos que ao final da tabulação obtida com o primeiro grupo de rodadas, fizemos uma nova rodada, em que incluímos a variável informante, a fim de realizarmos a análise qualitativa, e, posteriormente, associá-la aos resultados obtidos com as variáveis independentes. Apresentamos a seguir as análises de cada variável, seguindo a ordem dada pela rodada com valor de aplicação /w/.

4.1 País de origem

Mostramos abaixo a distribuição dos casos de vocalização da lateral pós-vocálica entre os falantes dos países Cabo Verde e Guiné-Bissau.

Tabela 2 - Influência da variável país de origem na vocalização (/w/) da lateral pós-vocálica

País de origem	Apl./Total	%	P.R.
Cabo Verde	247/518	47,7	0,842
Guiné-Bissau	104/666	15,6	0,214

Input: 0,207

Significância: 0,008

Observando a Tabela 2, fica evidente que a acomodação para o dialeto pessoense ocorre em maior escala entre os entrevistados provenientes de Cabo Verde do que entre os entrevistados de Guiné-Bissau. A proporção é 0,842 de acomodação entre os cabo-verdianos, contra apenas 0,214 entre os guineenses. Uma possível explicação para este dado tão contrastante diz respeito à formação histórica dessas duas nações, e às decorrentes relações de identificação e pertença com as quais estes informantes se relacionam com seus países de origem. Conforme apresentado no Capítulo 2, a nação cabo-verdiana, desde a sua formação, foi marcada por rupturas e hibridizações de culturas, tendo em vista ter sido formada por diversas etnias da África continental e por colonizadores portugueses. Além disso, ou justamente como uma das consequências disso, a maior parte da população cabo-verdiana vive fora do país (LEWIS e at., 2013). Essa população altamente miscigenada, menos enraizada nas suas origens, devido ao próprio processo de colonização, pode apresentar uma maior adaptabilidade a novas culturas, refletida nitidamente na língua que falam. Por outro lado, a atitude de resistência à dominação portuguesa outrora vivida por Guiné-Bissau, fortaleceu a identidade nacional e parece ainda estar presente entre os jovens guineenses, refletida na resistência linguística que apresentam ao entrarem em contato com um novo dialeto.

Complementando a análise referente à Tabela 2, a Tabela 3 a seguir demonstra a influência da mesma variável país de origem, porém, agora, na realização da lateral velarizada em situação de coda silábica.

Tabela 3 - Influência da variável país de origem na manutenção da lateral velarizada

País de origem	Apl./Total	%	P.R.
Cabo Verde	255/518	49,2	0,273
Guiné-Bissau	499/666	74,9	0,682

Input: 0,678

Significância: 0,036

Observamos nesta tabela que os guineenses mantiveram a lateral velarizada com um peso relativo 0,682 (74,9% dos casos), contra 0,214 de vocalização apresentados anteriormente. Percebemos no conjunto desses dados, de fato, um processo acomodatório sutil entre o grupo de Guiné-Bissau, especialmente quando comparado ao grupo de Cabo Verde. Os cabo-verdianos, por sua vez, produziram laterais velarizadas em um número bem menos expressivo, peso relativo 0,273 (49,2% dos casos) contra 0,842 de vocalização. Com essa comparação, podemos confirmar que há entre os cabo-verdianos um processo de acomodação muito mais evidente do que entre os guineenses.

Contemplando os resultados acima, e observando a coluna que indica a frequência absoluta de ocorrências do fenômeno, questionamo-nos sobre a possibilidade da variável tempo de exposição estar exercendo algum tipo de influência sobre ela. Esta foi a segunda variável mais importante selecionada pelo programa tanto na aplicação do /w/ quanto do /ɰ/. Para sanarmos a dúvida, correlacionamos as duas variáveis com o número de informantes, como demonstrado a seguir:

Tabela 4 - Correlação entre as variáveis país de origem, tempo de exposição e número de informantes

País de origem	Tempo de exposição	Nº de informantes
Cabo Verde	Menor que 3 anos	1
	Entre 3 e 8 anos	2
	Maior que 8 anos	
Guiné-Bissau	Menor que 3 anos	1
	Entre 3 e 8 anos	1
	Maior que 8 anos	2

Percebemos com o cruzamento de informações da Tabela 4, que, se o tempo ao qual os informantes estão expostos ao novo dialeto estivesse de fato influenciando os dados referentes à análise da variável país de origem, o resultado teria sido exatamente o inverso, tendo em vista que os informantes cabo-verdianos (os que mais acomodaram), de um modo geral, estão sujeitos a um tempo de exposição menor que os informantes guineenses. Com efeito, os únicos informantes com tempo de exposição ao novo dialeto maior que oito anos são provenientes de Guiné-Bissau, e, ainda assim, compõem um grupo onde o percentual de

acomodação foi de apenas 15,6%. Isso posto, consideramos esclarecida a desconfiança e prosseguimos com a análise desta variável.

Não podemos deixar de mencionar que esta variável foi também uma das poucas selecionadas na rodada referente ao apagamento, ficando em segundo lugar na ordem de relevância dada pelo programa. Segue a tabela que resultou da rodada.

Tabela 5 - Influência da variável país de origem no apagamento (/Ø/)

País de origem	Apl./Total	%	P.R.
Cabo Verde	16/518	3,1	0,317
Guiné-Bissau	63/666	9,5	0,645

Input: 0,036

Significância: 0,029

Observando esta tabela, podemos perceber que há uma tendência dos falantes guineenses a apagarem a lateral mais do que os falantes cabo-verdianos. A proporção foi de 0,645 de peso relativo para os guineenses (9,5%), contra 0,317 de peso relativo para os cabo-verdianos (3,1%). Este dado acaba sendo interessante se levarmos em conta que os guineenses foram os que demonstraram ter maior resistência a convergir dialetalmente. O caso de apagamento não marca a identidade linguística da variedade da língua portuguesa brasileira (PB), tampouco da guineense ou cabo-verdiana. Talvez, então, se trate de um posicionamento sutil dos falantes na tentativa de marcar uma postura que não demonstre uma abertura irrestrita para absorver os traços do dialeto estrangeiro, mas também que não evidencie uma barreira cultural no sentido de evitar qualquer tipo de interferência linguística/miscigenação. Ressaltamos que esta interpretação não pretende, de forma alguma, ser conclusiva de qualquer maneira a respeito da questão, até mesmo devido à pequena quantidade de dados de que dispomos; desejamos muito mais, na verdade, levantar questões que digam respeito a marcas tão sutis, e ao mesmo tempo tão carregadas de significado, de como os indivíduos, especialmente os migrantes, se relacionam com sua cultura de origem e com a nova. Consideramos este tema altamente relevante para a época, e acreditamos que seja esta discussão a contribuição mais significativa deste trabalho para a sociolinguística.

Diante da importância da discussão levantada, achamos oportuno avaliarmos também aspectos qualitativos acerca da atitude dos informantes com relação aos seus países de origem e o Brasil. Para isso, destacamos trechos das entrevistas que fizessem tais referências, e correlacionamo-nos com os dados obtidos na última rodada, com a variável

informante inserida. Os dados desta última rodada são apresentados na Tabela 6 abaixo e indicam o grau de acomodação dialetal por informante.

Tabela 6 - Índice de acomodação dialetal por informante

Informante	Apl./Total	%	P.R.
1	48/161	29,8	0,545
2	46/185	24,9	0,501
3	153/172	89,0	0,974
4	7/166	4,2	0,103
5	73/181	40,3	0,719
6	8/152	5,3	0,131
7	16/167	9,6	0,257

Input: 0.206

Significância: 0.000

Complementando a Tabela 6 acima, apresentamos também as características dos informantes que foram levadas em conta nesta pesquisa.

Tabela 7 - Características dos informantes

Informante	País de origem	Tempo de exposição
1	Cabo Verde	05 anos
2	Cabo Verde	08 meses
3	Cabo Verde	05 anos
4	Guiné-Bissau	01 ano
5	Guiné-Bissau	08 anos
6	Guiné-Bissau	06 anos
7	Guiné-Bissau	10 anos

O informante 3 é de Cabo Verde, e, à época da entrevista, residia em João Pessoa há cinco anos e dez meses. Foi o informante que apresentou o maior índice de acomodação dialetal, com peso relativo de 0,974. Através da entrevista, pudemos perceber que ele faz uma boa avaliação a respeito do Brasil, demonstrando até mesmo desejo de permanecer aqui após seu período de estudos. Vale salientar que este informante já terminou a

graduação, mas optou por continuar no país fazendo uma especialização. Ao ser questionado sobre onde pretendia morar no futuro, falou:

Isso é que ainda tá indefinido, mas no momento acho que eu pretendo ficar.
Exato. Questão da namorada, isso aí tudinho. (Informante 3)

Não podemos nos esquecer de considerar a importância das relações interpessoais vividas individualmente por cada informante no processo de acomodação dialetal. Este informante tem uma namorada brasileira e pretende casar-se com ela. Tais projetos de vida, juntamente com o contato mais próximo que ele passou a ter com o dialeto brasileiro devido ao relacionamento, podem favorecer a convergência.

O informante demonstra ainda ter consciência das diferenças dialetais entre os dois países, e, mesmo afirmando que a variedade que aprendeu em Cabo Verde é a mais correta, ele acredita que existe uma variedade mais adequada para cada situação, dizendo claramente que no Brasil prefere a variedade do PB, porém em Cabo Verde prefere a variedade cabo-verdiana. Apresentamos abaixo o trecho da entrevista que surgiu após ser questionado se tinha alguma preferência entre os dois dialetos. Ele começa falando que adora a variedade brasileira, porém prefere a do sul, e depois passa a comparar o PB com o cabo-verdiano.

[...] Aí eu acho que se perguntar assim: ‘tu prefere um ou outro? Qual?’ Aqui eu prefiro logo o... logicamente esse aqui, mas lá eu prefiro o outro.
(Informante 3)

Ressaltamos que o informante 3 foi o único que considerou aspectos de adequação ao contexto em seus comentários. Os outros informantes, ao serem questionados sobre qual variedade preferiam, escolheram o PE, justificando a escolha com argumentos que envolvem pureza e correção linguística.

Por outro lado, analisando a entrevista do informante 4, guineense, e que apresentou o menor índice de acomodação dentre todos, peso relativo de 0,103, encontramos uma maior valorização da sua nação e cultura, manifestada também no forte desejo de retornar ao país, levando consigo o aprendizado dos anos de estudo no Brasil, a fim de contribuir com o desenvolvimento da sua nação de origem. Este informante estava no Brasil há apenas um ano, mas acreditamos que este não tenha sido o único fator determinante para

um índice de acomodação tão baixo, tendo em vista que o comparamos com o informante 2, cabo-verdiano, que estava no Brasil há apenas oito meses, e convergiu para o nosso dialeto com peso relativo de 0,501 (24,9% das situações). Mostramos a seguir dois trechos da entrevista do informante 4, em que menciona o desejo de retornar a Guiné-Bissau. O primeiro trecho refere-se ao momento em que foi perguntado onde gostaria de morar, e o segundo refere-se a quando foi perguntado como se imaginava daqui a vinte anos.

De preferência no meu país. Eu quero morar no meu país. Trabalhar no meu país. (Informante 4)

Talvez daqui a 20 anos... é o meu sonho, que eu sempre falo na brincadeira... É... daqui a 20 anos: presidente da República. Daqui a 20 anos presidente da República. Sempre eu falo isso, mesmo brincando, no colégio assim, eu falo assim.. tipo, nas apresentações: “ah, isso e isso e tudo, ah!, esqueci uma coisa: futuro presidente da República!” Mas é o meu sonho, que eu falo na brincadeira, as pessoas ficam brincando, mas é meu sonho. (Informante 4)

O informante 4, além de manifestar objetivamente o desejo de morar e trabalhar em seu país de origem, demonstra ter grandes planos para sua vida futura lá, pretendendo vir a ser, inclusive, presidente da República de Guiné-Bissau. Tal declaração revela interesse por parte do informante em dedicar parte de sua vida à gerência do país, constituindo-se em seu principal projeto de vida futuro. Além disso, imaginamos que um representante de estado busque manter preservada e aparente a sua identidade nacional, para que provoque no povo o sentimento de representatividade esperado para tal função. Essas questões podem ter contribuído com o alto índice de resistência linguística que o informante apresenta para preservar sua variedade de origem.

Seguindo com a análise qualitativa, percebemos que surge na fala dos informantes indícios de alguma noção de que os cabo-verdianos são mais inclinados a acomodarem à variedade brasileira quando comparados aos informantes guineenses. A fala do informante 6 apresentada logo abaixo é ilustrativa de tal percepção. O informante foi questionado, no final da entrevista, sobre se os amigos africanos haviam mudado a pronúncia da lateral pós-vocálica após virem morar no Brasil. Ouvimos a seguinte resposta:

Eu percebo isso.

<De Guiné também?>

De Guiné também. Normalmente, guineense perde menos, mas muitos já tão perdendo.

[...]

<Então todos que são lusófonos você acha que não pega?>

Todos não. Porque tem, por exemplo, alguns cabo-verdianos pegam. E gostam de usar assim, muito mais abrigaleirado. (Informante 6)

4.2 Tempo de exposição

Como já mencionamos, esta foi a segunda variável em grau de relevância que mais influenciou tanto a vocalização quanto a manutenção da lateral velarizada. Na última rodada, em que o valor de aplicação foi referente ao apagamento da lateral pós-vocálica, esta variável foi descartada pelo programa. Iniciaremos nossa análise apresentando numericamente a influência do tempo de exposição na vocalização da lateral, e, em seguida, a influência na manutenção da lateral velarizada. Antes, no entanto, gostaríamos de ressaltar que o fato do apagamento ter sido pouco expressivo na variação que estamos estudando fez com que as tabelas referentes à vocalização e à manutenção da lateral velarizada sejam praticamente espelhos, o que faz da segunda tabela apresentada quase que uma redundância. Optamos por apresentá-la mesmo assim a fim de oferecer ao leitor a precisão estatística de que dispomos, para que, eventualmente, caso haja interesse, possa fazer suas próprias interpretações dos dados brutos obtidos. Destacamos ainda que não repetiremos esta ressalva, mas que ela deverá ser estendida para todo este trabalho. Seguem as tabelas:

Tabela 8 - Influência da variável tempo de exposição na vocalização da lateral

Tempo de exposição	Apl./Total	%	P.R.
Menor que 3 anos	53/351	15,1	0,183
Entre 3 e 8 anos	209/485	43,1	0,495
Maior que 8 anos	89/348	25,6	0,823

Input: 0,207

Significância: 0,008

Tabela 9 - Influência da variável tempo de exposição na manutenção da lateral velarizada

Tempo de exposição	Apl./Total	%	P.R.
Menor que 3 anos	274/351	78,1	0,741
Entre 3 e 8 anos	250/485	51,5	0,460

Maior que 8 anos	230/348	66,1	0,302
Input: 0,678		Significância: 0,036	

Ao elaborarmos inicialmente uma hipótese referente à influência do tempo de exposição em um processo de acomodação dialetal, imaginávamos encontrar um contínuo onde quanto maior o tempo exposto ao novo dialeto, maiores seriam os índices de acomodação. Imaginávamos esta relação não apenas por intuição (mesmo que forte), mas também por respaldo empírico encontrado em diversas outras pesquisas na área de acomodação dialetal, tais como Chacon (2012), Martins (2008) e Marques (2006). Ocorre que, na nossa investigação, não encontramos uma progressão perfeita nesta correlação de fatores. Conforme pode ser observado na Tabela 8, informantes expostos a menos que três anos ao novo dialeto, apresentaram 15,1% (peso relativo 0,183) de acomodação, ou seja, vocalizaram em 15,1% das situações. Os informantes com tempo de exposição intermediário, entre três e oito anos, apresentaram um índice de acomodação de 43,1% (peso relativo 0,495). Já os informantes com tempo de exposição maior que 8 anos, para a nossa surpresa, convergiram para o novo dialeto em 25,6% dos casos (peso relativo 0,823), ou seja, acomodaram menos do que os informantes com tempo de exposição menor encontrados na categoria intermediária.

Em busca de uma nova hipótese para esclarecer as estatísticas que geraram inquietação, procuramos novamente correlacionar a influência de outra variável a esta. Tendo em vista que o país de origem dos informantes foi a variável que mais afetou a variação da lateral pós-vocálica, partimos dela.

Tabela 10 - Correlação entre as variáveis tempo de exposição, país de origem e número de informantes

Tempo de exposição	País de origem	Nº de informantes
Menor que 3 anos	Cabo Verde	1
	Guiné-Bissau	1
Entre 3 e 8 anos	Cabo Verde	2
	Guiné-Bissau	1
Maior que 8 anos	Cabo Verde	
	Guiné-Bissau	2

Observamos na Tabela 10 que não dispomos de informantes oriundos de Cabo Verde com mais de oito anos de vivência na Paraíba. Como já foi demonstrado no subtópico anterior, os guineenses são mais resistentes ao processo de acomodação, dessa forma, por serem únicos na categoria maior que oito anos, podem estar deformando a progressão linear típica encontrada na variável tempo de exposição. É possível que em uma pesquisa onde fossem considerados apenas os informantes cabo-verdianos, ou que houvesse igualdade numérica entre os informantes cabo-verdianos e guineenses em cada categoria, a progressão linear de acomodação esperada fosse encontrada.

Gostaríamos de acrescentar que se observarmos apenas a primeira e a última linha da Tabela 8, podemos perceber que houve aumento no grau de convergência, que aumentou de 15,1% na categoria abaixo de três anos para 25,6% na categoria acima de oito anos, mesmo sendo esta última composta apenas por guineenses, ou seja, parece-nos que, de fato, há influência desta variável entre todos os informantes, ocorre apenas que ela se dá com intensidades diferentes para cada nacionalidade estudada.

Partiremos neste momento para a análise das outras variáveis independentes selecionadas pelo programa. Adiantamos que se tratam todas de variáveis linguísticas. A partir de agora, a ordem de importância dada pelo programa à cada variável muda de acordo com o valor de aplicação, se é /w/ ou /ɹ/. Como mencionado acima, seguiremos a ordem obtida na rodada em que o valor de aplicação escolhido foi /w/, a vocalização, que representa a convergência para o dialeto pessoense. Não deixaremos de mencionar, no entanto, a ordem em que cada uma apareceu na rodada referente à manutenção da lateral velarizada.

4.3 Tonicidade

A variável tonicidade apareceu em terceiro lugar em ordem de relevância quando o valor de aplicação escolhido foi /w/, e em sétimo (e último) quando o valor escolhido foi /ɹ/. A tabela a seguir mostra o índice de acomodação relacionado a esta variável, com valor de aplicação /w/.

Tabela 11 - Influência da variável tonicidade na vocalização da lateral

Tonicidade	Apl./Total	%	P.R.
Tônica (ex.: bolsa/cálculo)	260/742	35,0	0,563

Pretônica (ex.: alguém/calçada)	85/371	22,9	0,445
Postônica (ex.: fácil/álcool)	6/71	8,5	0,184

Input: 0,207 Significância: 0,008

Concluimos a partir dos dados da Tabela 11, que a sílaba tônica é a que mais favorece a vocalização da lateral, com peso relativo de 0,563, representando 35% dos casos em que a lateral pós-vocálica se encontra em uma sílaba desta categoria. Em segundo lugar, encontramos as sílabas pretônicas, responsáveis por um índice de 0,445 de convergência. E, por fim, temos a sílaba postônica com um índice menos significativo de acomodação dialetal, com 0,184 de convergência.

Mostraremos agora, na Tabela 12, a influência da mesma variável tonicidade na manutenção da lateral velarizada.

Tabela 12 - Influência da variável tonicidade na manutenção da lateral velarizada

Tonicidade	Apl./Total	%	P.R.
Tônica (ex.: bolsa/cálculo)	437/742	58,9	0,469
Pretônica (ex.: alguém/calçada)	262/371	70,6	0,529
Postônica (ex.: fácil/álcool)	55/71	77,5	0,662

Input: 0,678 Significância: 0,036

Percebemos na Tabela 12 que as sílabas átonas são as que mais favorecem a manutenção da lateral velarizada /l/, com peso relativo 0,529 para as pretônicas e 0,662 para as postônicas. Tais dados confirmam o que foi dito por Collischonn & Quednau (2008), em uma pesquisa sobre o papel das variáveis linguísticas envolvidas na variação da lateral pós-vocálica na região Sul.

Como esta variável também foi selecionada na rodada em que o valor de aplicação escolhido foi o apagamento, apresentamos também, logo mais, a tabela com esses

dados. Lembramos que para este caso a tonicidade apareceu em quarto e último lugar na ordem de importância.

Tabela 13 - Influência da variável tonicidade no apagamento /Ø/

Tonicidade	Apl./Total	%	P.R.
Tônica (ex.: bolsa/cálculo)	45/742	6,1	0,400
Pretônica (ex.: alguém/calçada)	24/371	6,5	0,699
Postônica (ex.: fácil/álcool)	10/71	14,1	0,463

Input: 0,036

Significância: 0,029

Segundo a Tabela 13, as sílabas pretônicas favorecem os casos de apagamento, seguidas das sílabas postônicas e tônicas.

A partir dos dados apresentados acima, podemos concluir, portanto, que: 1) as sílabas tônicas são as que mais favorecem a vocalização da lateral pós-vocálica; 2) as sílabas átonas favorecem a manutenção da lateral velarizada; 3) as sílabas pretônicas, mesmo favorecendo a manutenção da lateral velarizada, destacam-se também como o tipo de sílaba que mais favorece o apagamento.

4.4 Posição na palavra

A posição da sílaba contendo a lateral pós-vocálica ocupada na palavra foi a quarta variável em ordem de importância na aplicação do valor referente à vocalização. Os resultados dados pelo programa são os que se seguem:

Tabela 14 - Influência da variável posição da palavra na vocalização da lateral

Posição na palavra	Apl./Total	%	P.R.
Inicial (ex.: alto/almoço)	125/572	21,9	0,453
Medial (ex.: escolta/finalmente)	35/126	27,8	0,583

de manutenção. Esses dados corroboram os números comentados acima, e indicam o contínuo inverso, onde quanto mais inicial (ou monossílabo) for a sílaba com a lateral pós-vocálica na palavra, mais chances há do informante permanecer produzindo-a de maneira velarizada.

Diante da seleção desta variável na rodada referente ao apagamento, apresentamos aqui a tabela referente a este valor de aplicação. Sua aparição se deu na primeira posição, ou seja, foi a variável mais relevante para a análise do apagamento.

Tabela 16 - Influência da variável posição na palavra no apagamento

Posição na palavra	Apl./Total	%	P.R.
Inicial (ex.: alto/almoço)	13/572	2,3	0,197
Medial (ex.: escolta/finalmente)	16/126	12,7	0,644
Final (ex.: final/azul)	49/473	10,4	0,818
Monossílabo (ex.: sal/mil)	1/13	7,7	0,782

Input: 0,036

Significância: 0,029

Segundo nossos dados apresentados acima, a posição final foi a que mais favoreceu o apagamento da lateral, quantificado em 0,818. Em seguida, tivemos os monossílabos com 0,782, e a posição medial com 0,644, e, por fim, com índice menos expressivo, a posição inicial, com peso relativo 0,197.

4.5 Contexto fonológico anterior

Tendo sido a quinta variável selecionada na aplicação de /w/, a quarta na aplicação de /l/, e uma das variáveis descartadas na aplicação do apagamento, o contexto fonológico anterior nos mostrou os seguintes valores:

Tabela 17 - Influência da variável contexto fonológico anterior na vocalização da lateral

Contexto fonológico anterior	Apl./Total	%	P.R.
Vogal central /a/	254/731	34,7	0,564

(ex.: almôndega/sal)			
Vogal média aberta /ɛ/ ou /ɔ/ (ex.: papel/pólvora)	20/116	17,2	0,329
Vogal média fechada /e/ ou /o/ (ex.: terrível/colcha)	19/104	18,3	0,465
Vogal fechada /u/ (ex.: azul/cultura)	25/119	21,0	0,439
Vogal fechada /i/ (ex.: mil/difícil)	33/114	28,9	0,367

Input: 0,207

Significância: 0,008

Percebemos que a vogal precedente mais favorável à vocalização é a vogal central /a/, com peso relativo 0,564. Esse dado vai de acordo com o que foi encontrado na pesquisa de Hahn e Quednau (2007) e Hora (2006). As demais vogais parecem desfavorecer o fenômeno, característica também identificada no trabalho de Hahn e Quednau (2007). Elas apareceram na seguinte ordem: vogais médias fechadas /e/ e /o/, com 0,465 de peso relativo, vogal fechada /u/ com 0,439. E, por fim, temos a vogal fechada /i/ com 0,367 de peso relativo e as vogais médias abertas /ɛ/ e /ɔ/, com 0,329.

Apresentamos abaixo a tabela referente à aplicação da lateral velarizada:

Tabela 18 - Influência da variável contexto fonológico anterior na manutenção da lateral velarizada

Contexto fonológico anterior	Apl./Total	%	P.R.
Vogal central (ex.: almôndega/sal)	427/731	58,4	0,435
Vogal média aberta /ɛ/ ou /ɔ/ (ex.: papel/pólvora)	89/116	76,7	0,628
Vogal média fechada /e/ ou /o/ (ex.: terrível/colcha)	81/104	77,9	0,590
Vogal fechada /u/ (ex.: azul/cultura)	84/119	70,6	0,539
Vogal fechada /i/ (ex.: mil/difícil)	73/114	64,0	0,655

Input: 0,678

Significância: 0,036

Temos aqui a situação inversa da apresentada anteriormente. Com exceção da vogal central, todas as outras favorecem a manutenção da lateral velarizada, aparecendo em primeiro lugar como favorecedora do fenômeno a vogal fechada /i/, com peso relativo de 0,655, em seguida temos as vogais médias abertas, com 0,628, as vogais médias fechadas, com 0,590, e a vogal fechada /u/, com 0,539. Por fim, temos a vogal central, com peso relativo inferior a 0,5, desfavorecendo, assim, a manutenção da lateral.

Na rodada do apagamento esta variável foi descartada.

4.6 Estilo

A variável estilo ocupou a sexta posição na seleção da rodada com a aplicação do /w/, a quinta com a aplicação do /l/, e foi descartada na rodada do apagamento. Tivemos para a primeira rodada os seguintes resultados:

Tabela 19 - Influência da variável estilo na vocalização da lateral

Estilo	Apl./Total	%	P.R.
Entrevista	193/534	36,1	0,593
Leitura	90/361	24,9	0,432
Lista de palavras	68/289	23,5	0,413

Input: 0,207

Significância: 0,008

Observamos na Tabela 19 que o estilo entrevista, caracterizado por apresentar a fala mais espontânea, demonstrou ser o mais favorável ao processo de acomodação dialetal, quantificado em 0,593 de peso relativo para as vocalizações. Este resultado veio a confirmar a nossa hipótese, justificada por se tratar do estilo menos monitorado dentre os controlados. Lembramos aqui que as categorias utilizadas para esta análise foram propostas por Labov (2008 [1972]). Ressaltamos, porém, que, conforme discussão realizada no Capítulo 2, de acordo com Giles et al. (1991), o fato da entrevistadora ser brasileira pode ter contribuído para aumentar este índice, dada a importância do interlocutor no processo de acomodação dialetal (acomodação de curto prazo). O estilo leitura, por sua vez, onde os informantes leram textos contendo várias ocorrências da lateral, teve um índice de acomodação de 0,432, seguido do estilo lista de palavras, com 0,413 de peso relativo para vocalizações, números bem

aproximados. Ou seja, mesmo levando em conta características como sândi do texto corrido, não houve diferença significativa entre este estilo e o que continha as palavras listadas isoladamente.

Na aplicação do /l/, obtivemos um resultado semelhante ao já demonstrado, contendo, novamente, um contínuo inverso em relação à tabela anterior. Para evitar repetição, dispensaremos os comentários relativos a esta tabela. Seguem os números:

Tabela 20 - Influência da variável estilo na manutenção da lateral velarizada

Estilo	Apl./Total	%	P.R.
Entrevista	295/534	55,2	0,413
Leitura	250/361	69,3	0,554
Lista de palavras	209/289	72,3	0,593

Input: 0,678

Significância: 0,036

4.7 Contexto fonológico seguinte

Finalmente, apresentamos a última variável selecionada pelo programa: o contexto fonológico seguinte. Esta variável foi selecionada nas três rodadas, e seguiu a seguinte ordem: sétima e última para a aplicação do /w/, sexta e penúltima para aplicação do /l/, e terceira e penúltima para aplicação do /Ø/. Apresentamos abaixo as tabelas referentes às três rodadas:

Tabela 21 - Influência da variável contexto fonológico seguinte na vocalização da lateral

Contexto fonológico seguinte	Apl./Total	%	P.R.
Labial (ex.: calma/culpado/malba)	75/280	26,8	0,494
Coronal (ex.: solto/falso/Alzira)	86/371	23,2	0,421
Dorsal (ex.: palco/alguém)	51/164	31,1	0,501
Vogal (ex.: canal estreito/ramal ocupado)	38/111	34,2	0,455
Pausa	101/258	39,1	0,636

(ex.: pardal#/sutil#)			
Input: 0,207		Significância: 0,008	

Tabela 22 - Influência da variável contexto fonológico seguinte na manutenção da lateral velarizada

Contexto fonológico seguinte	Apl./Total	%	P.R.
Labial (ex.: calma/culpado/malba)	188/280	67,1	0,499
Coronal (ex.: solto/falso/Alzira)	266/371	71,7	0,568
Dorsal (ex.: palco/alguém)	101/164	61,6	0,445
Vogal (ex.: canal estreito/ramal ocupado)	69/111	62,2	0,631
Pausa (ex.: pardal#/sutil#)	130/258	50,4	0,383
Input: 0,678		Significância: 0,036	

Tabela 23 - Influência da variável contexto fonológico seguinte no apagamento

Contexto fonológico seguinte	Apl./Total	%	P.R.
Labial (ex.: calma/culpado/malba)	17/280	6,1	0,467
Coronal (ex.: solto/falso/Alzira)	19/371	5,1	0,506
Dorsal (ex.: palco/alguém)	12/164	7,3	0,713
Vogal (ex.: canal estreito/ramal ocupado)	4/111	3,6	0,256
Pausa (ex.: pardal#/sutil#)	27/258	10,5	0,497
Input: 0,036		Significância: 0,029	

As tabelas acima nos mostram que a pausa favorece a vocalização, e desfavorece a manutenção da lateral velarizada. Considerando que a entoação das sentenças afirmativas na língua portuguesa tende a ter um tom mais baixo no final da sentença, que é comum haver pausa após uma frase fonológica, e que a fala do entrevistado é caracterizada principalmente por apresentar frases afirmativas, pensamos que é possível que o tom baixo ao final da frase pode favorecer uma suavização dos fonemas que compõem esta última parte da frase, induzindo uma produção menos marcada do fonema.

Após a pausa que apresentou 0,636 de peso relativo para a acomodação, temos as consoantes dorsais com 0,501 de peso relativo, em seguida as consoantes labiais com 0,494, as vogais com 0,455, e, por fim, as consoantes coronais com 0,421.

4.8 Atitudes linguísticas

Analisando as apreciações linguísticas dos informantes obtidas no Módulo Língua da entrevista, encontramos que a impressão geral que eles têm do PB é negativa.

Agora eu disse ‘aí...’ ‘aí...’ não tem lá em Cabo Verde, né? ‘Né’, tá vendo? São algumas coisas que sem querer eu já não consigo evitar isso, né? Mas é assim, não é que eu to, é... **rebaixando** o português de vocês, mas é assim: eu tento não usar esses {init}, porque eu sei que o português de Portugal é um **português padrão**, um português assim **conhecido no mundo todo**, diferente do português do Brasil, que é aqui no Brasil. (Informante 2)

Com certeza que **não é correto**. O português é o português aquele que é o padrão, é o padrão. Então, nós devemos **seguir o padrão**...

<Mas você acha que o padrão vai ser sempre esse? Digamos, daqui a 100 anos o padrão vai ser o mesmo?>

Ok, com certeza vai sofrer alterações, né? Mas, e também se deixar levar pra esses modificações, aí você vai com certeza vai ficar **muito ruim**, né? **Muito mais ruim**, né? (Informante 2)

Ham ram. Eu acho... acabo utilizando... agora eu nem sei avaliar o meu português. <Sei.> Se eu to falando um português de antes que eu falava, tipo um português que eu falava d’antes, que é um pouco **puro**, né? Tipo,

português mais ligado ao de Portugal, e agora um português... eu não sei diferenciar agora. <Sei.> Sei não. (Informante 4)

Os trechos transcritos acima demonstram a força que o processo colonizador ainda exerce sobre os colonizados. A língua do colonizador é por eles considerada a modalidade superior e é referida como o padrão, a língua pura, a língua correta. Essa hierarquização é recorrente e aparece em quase todas as falas coletadas. Parece indicar uma naturalização da superioridade do colonizador e de sua cultura, em contraponto as modalidades culturais e linguísticas consideradas inferiores, híbridas, impuras, sejam elas a do estrangeiro ou as nativas.

As avaliações acima foram obtidas através do método direto de investigar atitudes linguísticas, ou seja, os informantes sabiam que estavam sendo questionados sobre isso.

A hierarquização linguística acima referida se repete no contexto de retorno ao país de origem quando o uso do PB, e não do crioulo, em situações do cotidiano, é interpretado como demonstração de superioridade, como indicam as falas seguintes:

Assim, como a gente aprendeu a nossa língua oficial é o português, assim, parecido com o português de Portugal, quando a gente chega lá, embora pode ter passado 5 anos, 2 anos, o tempo que for, se a gente chegar lá e começar a falar esse tipo de português que to falando agora, um pouquinho assim, brasileiro, aí o pessoal lá tem essa assim, **‘eita, tá querendo se mostrar’**, **‘tá querendo, é.. mostrar que sabe falar bem direit.., falar é, brasileiro’**, ‘esqueceu a língua, tá dando uma de doido, esqueceu a língua aqui’. É isso aí. (Informante 3)

Já. Eu chego lá, primeira coisa que eles acham, já você chegando do Brasil, é... já tá falando português do Brasil, né? Falando com eles, aí vai ficar falando português do Brasil. Que agora português do Brasil tá tendo muita influência já na Guiné por causa desses, da televisão, de outras coisas, aí você tá no Facebook, aí entrou um amigo, aí ‘Oi, cara’. <Sei.> Mesmo antes de ouvir falar ‘cara’ já existia, ‘oi, cara, beleza?, tudo jóia?’ já existia, mas que é um português de Brasil. Que agora tá tendo muita influência na no português da Guiné. E no português da Guiné, como no dia a dia no crioulo também. <Ham ram.> É porque no crioulo existia ‘ya, tudo fish?’, que já é

inglês, tá vendo? Mas agora tá existindo ‘beleza’, não sei o que, substituindo aquele parte de inglês que a gente tinha botado no crioulo. <Sei.> Aí substituindo a outra parte de português de Portugal também que a gente tinha botado no crioulo. <Hum rum, entendi.> (Informante 4)

A valorização do PB expressa nas falas acima pode indicar também uma referência ao contexto presente em que o Brasil vem despontando como país emergente em processo de crescimento econômico e de melhoria nos índices sociais enquanto o mundo europeu, incluindo Portugal, vem atravessando um período largo de crise e de índices expressivos de desemprego. Um dos entrevistados aponta inclusive a ampliação da influência cultural brasileira em países africanos, referindo-se a presença da televisão e da internet.

Encontramos na fala de um dos informantes uma comparação entre as línguas crioulas em seu país, Cabo Verde.

Eu acho, eu acho que tem, posso fazer assim, por ilha, eu acho que tem uma ilha que é a Ilha de São Vicente, que é a ilha do meu amigo que não tá aqui, que mora comigo, eu acho que ele, que a ilha dele fala um crioulo mais assim, **muito mais bonito**, muito **mais ligado ao português** e... e pra vocês mesmo que não sabem falar crioulo, vocês entendem esse esse crioulo muito mais rápido que, por exemplo, se fosse um crioulo da ilha dele (referência a outro colega que estava na sala) ou da minha ilha. Então, é... o crioulo da ilha dele vocês entendem muito mais rápido, é mais ligado ao português e é muito mais um crioulo **mais suave**, assim. Tem palavras mais mais ligadas ao português mais simples assim, ou seja, **sofreu influências acredito europeias mais do que influências africanas**, já nas outras ilhas como o meu, sofreu influências mais, em termos de língua, que foi influência mais africana de que europeu. (Informante 2)

Eu, até eles ficam tirando onda com meu crioulo aí, mas eu sei que esse crioulo é meu, eu tenho que defender, mas sem querer também eu reconheço em outra parte, não posso ser tão como... digamos assim, obcecado só pelo que é meu e achando que o meu é sempre o verdadeiro, não. Tenho que ver outra parte também, outro lado. O crioulo dele é um crioulo mais bonito mesmo, até na maneira de falar. Eu to dizendo, se um dia tiver oportunidade de falar com esse outro cara aí, você vai ver que o português dele, diga pra

ele falar um pouco do crioulo, assim pra ver, a maneira dele pronunciar as palavras é muito mais suave assim. (Informante 2)

Percebemos na fala do informante uma hierarquização dos crioulos cabo-verdianos, onde os crioulos mais próximos do PE ocupam as posições superiores e os crioulos em que as raízes africanas se manifestam com mais intensidade as inferiores. É curioso perceber que o crioulo falado pelo informante sofre mais influências africanas, e mesmo assim não é o mais valorizado por ele. Ele considera o crioulo de seu colega mais bonito e mais suave, e parece avaliar também, de um modo geral, que influências europeias são melhores que influências africanas.

Assim, há indicações nas falas dos africanos da presença de um princípio de classificação que hierarquiza as línguas. É em referência à língua do colonizador europeu que elas são classificadas e hierarquizadas e as mais próximas daquela são consideradas mais bonitas, mais suaves, mais corretas e mais puras do que as que dela se distanciam.

Questionamos ainda os informantes sobre as diferenças dialetais entre as variedades brasileiras, e o que encontramos em cinco das sete respostas foi uma preferência pelas variedades do sul e sudeste. Os outros dois informantes apenas afirmaram que não possuíam preferência quanto a isso. Nenhum, portanto, escolheu a variedade nordestina, na qual eles estão inseridos. Destacamos, porém, que o informante 7 manifestou apreço pela variedade paraibana. Seleccionamos alguns trechos para ilustrar o que mencionamos.

Eu **gosto** da forma como o carioca fala, entendeu? E também a forma como o mineiro fala.

<E a que o paraibano fala?>

Aí **não gosto não**.

<Acha feio?>

Não, tipo, depende do paraibano, entendeu? Tipo, se for **universitário já fala melhor**. Agora se for paraibano que não estudou, não terminou assim, aí eu não gosto não. Fala com muita gíria, eu não gosto de muita gíria não. (Informante 1)

Olha, eu acho que fala do paraibano é um pouco **mais desligada aí do português de Portugal**. Acredito que **o falar das pessoas do Brasil lá do sul é mais correto** do que aqui. (...) aqui no João Pessoa é, eu posso dizer assim que o português dele já é **muito mais ainda ruim** do que... não é que

é ruim, né? Ok, não é ruim. Mas assim, é mais assim num **nível mais baixo** ainda do que nas pessoas da zona sul. Eu acho que é um pouquinho mais baixo. (Informante 2)

É... eu **adoro** a língua brasileira, mas do sul (risos). Não é que eu não goste daqui, eu gosto, mas eu gosto mais assim do ‘txi’. Eu acho uma malandragem, assim, **muito bonita. Eu adoro!** (Informante 3)

É, tem, acho o sul **mais bonito**. Deve ser porque é o que eu mais **costumo ouvir**, né? Porque passei um bom tempo na Guiné assistindo Globo, depois apareceu Record, aí já tá mais acostumado com isso. (Informante 4)

Entre modo de falar do brasileiro em geral? O que mais **chama atenção** acho que os cariocas. (Informante 6)

E muita das vezes quando você {inint} ‘mais menina’ eu acho bonito. Eu falo pra minha sobrinha, tem uma menina que chegou e ela fala: ‘mulé, mulé’, então é uma coisa linda, uma pessoa pode dizer ‘ai que brega isso’, então é uma coisa gostar... uma coisa diferencial, né? ‘Mais menina’, então tem essas coisas que a gente fica assim, eu acho que a cidade a cidade, eu gosto muito do sotaque do sul, mas não me identifico muito, porque às vezes também é muito carregado. Pra mim, escutando, compreendendo, entendendo está valendo. (Risos) (Informante 7)

De um modo geral, todas as comparações analisadas acima indicam que atributos linguísticos positivos, como bonito, correto ou puro, foram sempre relacionados às variedades social e historicamente mais poderosas, nos contextos que analisamos (PE-PB, crioulos e português brasileiro). Fazermos uma ressalva, porém, para alertar que opiniões sobre os crioulos não foram exploradas em todas as entrevistas, por não serem objeto de estudo desta pesquisa. Mencionamos aqui apenas aquelas que surgiram na conversa. Não deixa de ser revelador, no entanto, que sentimentos como familiaridade e enraizamento com a língua não sejam tão impactantes no julgamento feito pelos informantes sobre as línguas, prevalecendo neste julgamento principalmente as relações históricas de poder e dominação vividas pelas nações.

4.9 Outras questões

Identificamos na fala de alguns informantes exemplificações práticas sobre o conceito de diglossia. Aachamos relevante apresentá-las ao leitor, a fim de que possa conhecer a situação através do olhar de um membro de uma comunidade diglössica, complementando, dessa forma, o que foi apresentado anteriormente no Capítulo 2.

<Na sua casa, assim, na sua família, você fala crioulo ou português?>

Não, crioulo. Em Cabo Verde assim, na rua, em casa, você fala o crioulo, entendeu? Você só fala o português na escola.

<Só na escola?>

É. Na sala de aula, né?

<Na sala de aula. No intervalo não?>

Não, no intervalo não. (Informante 1)

Em casa, na rua, eu falo sempre crioulo. Agora, por exemplo, quando tava tirando os documentos pra me candidatar pra vir pra aqui, então, aí nas instituições sempre falava em português. (Informante 2)

É porque quando eu volto lá, como a língua mais falada é crioulo, é mais só crioulo. A língua oficial português é falada mais nas escolas, é... telejornal, aí não tem muita muita oportunidade de tá praticando. No dia a dia é só crioulo. A língua portuguesa é uma língua mais oficial, coisa assim. (Informante 4)

<E o português no seu país, onde é que você fala? Em quais situações?>

Por exemplo, nas escolas tem pessoas também que não falam crioulo, aí com essas pessoas... até da família, né? <Sei.> Mas é com elas já você fala português, né? E alguns lugares públicos também.

<Sei. E as aulas são em português ou em crioulo?>

Português

(Informante 6)

Por fim, gostaríamos de chamar atenção para o fato de que a interlocutora nas entrevistas era brasileira, o que pode ter influenciado em alguma medida o grau de acomodação dos falantes, conforme disse Giles et al. (1991) na teoria da acomodação linguística. Para uma investigação mais profunda, podem ser feitas novas entrevistas com o mesmo grupo de informantes, porém com um interlocutor guineense ou cabo-verdiano,

conforme a nacionalidade do entrevistado, e comparar os resultados obtidos. Deixamos a ideia como sugestão para um possível trabalho futuro.

5 Considerações finais

Para iniciar nossas considerações finais, retomaremos as questões que nortearam este trabalho, buscando resumir as respostas que encontramos.

Existe um processo de acomodação dialetal entre os guineenses e cabo-verdianos que estão em João Pessoa? Se sim, em que estágio se encontra esse processo? Sim, existe. De acordo com os resultados desta pesquisa, observamos o fenômeno da convergência dialetal no que se refere à lateral em situação de coda silábica em quase um terço dos casos (29%), configurando um percentual expressivo de ocorrência da acomodação, conforme foi demonstrado na Tabela 1 e no Gráfico 1 acima. Destacamos, porém, que esta tendência é mais forte entre os cabo-verdianos do que entre os guineenses o que nos levou a novas indagações. De acordo com a Tabela 2, o índice de convergência entre os cabo-verdianos é de 47,7%, contra 15,6% dos guineenses.

Analisando as peculiaridades da formação histórica daqueles países e seus desdobramentos na cena contemporânea, é possível afirmar que elas têm muito a explicar sobre as diferenças linguísticas entre os dois países. O processo de colonização, a formação do sentimento de nacionalidade, fatores étnicos e culturais locais, entre outros, deram origem a diferentes relações de identificação e de pertença com os respectivos países. A nação cabo-verdiana, desde a sua formação, foi marcada por rupturas e hibridizações de culturas, tendo em vista ter sido formada por diversas etnias da África continental e por colonizadores portugueses. Além disso, ou justamente como uma das consequências disso, a maior parte da população cabo-verdiana vive fora do país. Essa população altamente miscigenada, menos enraizada nas suas origens, devido ao próprio processo de colonização, pode apresentar uma maior adaptabilidade a novas culturas, refletida nitidamente na língua que falam. Por outro lado, a atitude de resistência à dominação portuguesa outrora vivida por Guiné-Bissau, fortaleceu a identidade nacional e parece ainda estar presente entre os jovens guineenses, refletida na resistência linguística que apresentam ao entrarem em contato com um novo dialeto.

Quais aspectos sociais relacionados aos falantes podem impactar na acomodação? Dentre as variáveis sociais que controlamos, a que se mostrou mais influente na acomodação foi país de origem, já comentada acima. Em segundo lugar, tivemos o tempo de exposição, revelando que quanto maior o tempo ao qual os informantes estão expostos, mais chances eles têm de acomodar dialetalmente. As variáveis idade, sexo e moradia com conterrâneos foram descartadas devido ao número insuficiente de informantes.

Investigamos ainda quais fatores linguísticos podem favorecer a vocalização da lateral pós-vocálica. Verificamos que sílabas tônicas favorecem a vocalização da lateral, enquanto que sílabas átonas favorecem a manutenção da lateral velarizada, e as sílabas átonas pretônicas favorecem o apagamento. Observamos também que a sílaba em posição medial de palavra favorece o aparecimento da vocalização. Já as palavras monossílabas são as que mais favorecem a manutenção da lateral, seguidas da posição inicial, medial e final, constituindo-se um contínuo onde mais para o começo for a sílaba, mais favorável é a situação para a manutenção da lateral velarizada. Percebemos ainda que favorecem o fenômeno da vocalização a vogal central /a/ antes da lateral, e a pausa após a lateral.

Além das influências descritas acima, encontramos a variável estilo afetando o processo de acomodação. De acordo com os resultados, o estilo entrevista favoreceu a ocorrência do fenômeno. Este resultado correspondeu ao esperado, uma vez que esta variável era a menos monitorada, em comparação com os estilos leitura e lista de palavras. Lembramos mais uma vez que o conceito adotado para o controle desta variável foi o proposto por Labov (2008), que trata estilo como grau de monitoramento prestado à fala. Lembramos também que, assim como propôs Giles et al. (1991), o interlocutor pode ter tido um papel importante nesta variação, como consequência do que o autor chamou de acomodação de curto prazo.

Investigamos ainda o papel das atitudes linguísticas na acomodação dialetal. Percebemos que os dialetos de países ou regiões historicamente dominados ou menos desenvolvidos foram avaliados de maneira negativa, através de atributos como feio, que não é correto, que não é padrão, etc., enquanto que os dialetos de países ou regiões outrora dominadores ou mais desenvolvidos receberam elogios como bonito, suave, padrão, correto, puro, etc. Essas apreciações foram feitas quando se confrontou o PE com o PB, o PB com o crioulo, as variedades de crioulo entre si, e as variedades do PB entre si, aparecendo nos polos elogiados o PE sempre, o PB quando em comparação com o crioulo, os crioulos com mais influência portuguesa que africana, e as variedades do sul e sudeste no Brasil em relação a do nordeste. Através desta análise, percebemos que as relações de poder e dominação se expressam não só na língua falada, mas também na avaliação que os falantes fazem dela.

O fenômeno de variação linguística é complexo e diversos fatores podem influenciá-lo. Propusemos neste trabalho analisar a influência de algumas variáveis que julgamos poder afetar a forma de realização da lateral pós-vocálica, este rol, no entanto, não é conclusivo, de modo que outros fatores podem afetar a variação em estudo. Gostaríamos, por exemplo, de ter avaliado a influência da variável sexo, idade e se mora com conterrâneos, porém, nos deparamos com a dificuldade de encontrar informantes em número significativo

nessas categorias para levá-las em conta na análise e examinar sua influência no processo de acomodação. Deixamos, portanto, tal investigação como sugestão para trabalhos futuros.

Sugerimos também para trabalhos posteriores uma nova coleta de dados, onde o interlocutor seja africano, para investigar os efeitos da teoria da acomodação em curto prazo, e identificar se os informantes irão convergir menos ao PB nesta nova situação.

Destacamos ainda que a abrangência desta pesquisa circunscreveu-se à cidade de João Pessoa, no entanto, os resultados podem ser estendidos em nível de Brasil, haja vista a lateral pós-vocálica não ser um fonema que apresente variação significativa dentro do Brasil. Temos como exceção apenas algumas variedades encontradas no Rio Grande do Sul, como descrevem os trabalhos de Collischonn e Quednau (2008) e Dal Mago (1998).

REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *Gramática do Português Falado*. Volume II: Novos Estudos. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 701-742.
- BRASIL. Ministério da Educação. *PEC-G*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 04 mar. 2013.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- CHACON, Karoline de Albuquerque. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. João Pessoa, 2012. Dissertação de Mestrado.
- COLLISCHONN, Gisela; QUEDNAU, L. R.. *Variantes da lateral pós-vocálica na região sul: o papel das variáveis linguísticas envolvidas*. In: 8º Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2008, Porto Alegre. Anais do 8º encontro do CELSUL. Pelotas: EDUCAT, 2008.
- DAL MAGO, Diane. O comportamento do /l/ pós-vocálico no sul do país. *Working Papers em Linguística*, n. 1, 1998. p. 31-44.
- DIAS, Juliana Braz. Língua e Poder: Transcrevendo a Questão Nacional. *Mana*, vol.8, n.1, pp. 7-27. 2002.
- DUCROT, Oswald; SCHAEFFER, Jean-Marie. *Sociolinguística*. In: DUCROT, Oswald; SCHAEFFER, Jean-Marie. *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Tradução de Rosalina Chianca. Paris: Essais, Points, Editions du Seuil, 1972, 1995, pp. 143-148.
- EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. *Papia*, n. 18, pp. 101-107. 2008. Disponível em: <<http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/view/62/56>>. Acesso em 09 jun. 2013.
- FASOLD, Ralph W. Language Attitudes. In: _____. *The sociolinguistics of society*. Oxford: B. Blackwell, pp. 147-179. 1984.
- FERGUSON, C. A. Diglossia. *Word*, vol. 15, pp. 325-40. 1959.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *Principios de Sociolingüística y Sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel Lingüística, 1998.
- GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. Accommodation theory: communication, context, and consequence. In: GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. *Contexts of accommodation – Developments in applied sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

- GUMPERZ, J. J. *Convenções de contextualização*. In B. T. Ribeiro & P. M. Garcez (Orgs.), *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002 [Contextualization conventions. In J. J. Gumperz (Orgs.), *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982].
- HAHN, Laura Helena; QUEDNAU, Laura Rosane. A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica. *Letras de Hoje*, v. 42, p. 100-113. Porto Alegre, 2007.
- HOLM, John. *Pidgins and Creoles Volume II: Reference Survey*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- HORA, Dermeval da. *Variação da lateral /l/: correlação entre restrições sociais estruturais*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º semestre. 2006.
- HYMES, D. *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- INTUMBO, Incanha. *Situação Sociolinguística da Guiné-Bissau*. [2008]. Disponível em: <http://www.didinho.org/SIT_LING_GB_Incanha.pdf>. Acesso em 09 jun. 2013.
- LABOV, William. Field methods of the project on linguistic change and variation. In *Language in use: readings in sociolinguistics*. John Baugh and Joel Sherzer (eds), Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 28–54, 1984.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; M^a Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEWIS, M. Paul; SIMONS, Gary F.; FENNING, Charles D (eds.). *Ethnologue: Languages of the World*. 17^a ed. Texas: SIL International, 2013. Disponível em: <<http://www.ethnologue.com>>. Acesso em 04 jun. 2013.
- MARQUES, Sandra. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. Rio de Janeiro, 2006. 159 p. Tese de Doutorado. Coordenação de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras, UFRJ.
- MARTINS, Mariana de Souza. *A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MATEUS, Maria Helena Mira. Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. *Revista Estudos da língua(gem): questões de fonética e fonologia*. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, n.3, p. 159-180, jun. 2006.

- PINHO, Antonio José de; MARGOTTI, Felício Wessling. A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português do Brasil. *Working Papers em Linguística*, n.2, pp. 67-88. Florianópolis, 2010.
- QUEDNAU, Laura Rosane. *A lateral posvocálica no sul do Brasil: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre: UFRGS, 1993. Dissertação de mestrado.
- REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU. Ministério da Economia, Plano e Integração Regional. Instituto nacional de estatística. 2011. Disponível em: <<http://www.stat-guinebissau.com/>>. Acesso em: 02 jun. 2013.
- REPÚBLICA DE CABO VERDE. Página Oficial do Governo de Cabo Verde: *Cabo Verde: Breve Apresentação*. 2007. Disponível em: <<http://www.governo.cv/>>. Acesso em 02 jun. 2013.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10ª ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2012.
- TABOURET-KELLER, Andrée. Language and Identity. In: COULMAS, Florian. *The handbook of Sociolinguistics*, pp. 315-326. Oxford: Blackwell, 1997.
- TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) *Fonologia e variação – Recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- TRUDGILL, Peter. *Dialects in contact*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.
- UNESCO. *Biosphere Reserve Information*. Guinea-Bissau. Boloma Bijagós. 2007. Disponível em <<http://www.unesco.org/mabdb/br/brdir/directory/biores.asp?mode=all&code=GBS+01>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

APÊNDICES



APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
www.ccchla.ufpb.br/proling



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa intitulada “A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos no Brasil” está sendo desenvolvida por Paloma Freire de Queiroz e Silva, aluna da Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba/PROLING, sob a orientação do Prof. Rubens Marques de Lucena.

O objetivo do estudo é investigar se os africanos lusófonos que moram na Paraíba apresentam indícios de acomodação dialetal para a variedade de língua portuguesa falada no Brasil.

A finalidade deste trabalho é contribuir para aprofundar o conhecimento acerca das implicações linguísticas e sociais do contato dialetal entre africanos lusófonos e brasileiros, bem como contribuir com a redução de atitudes estigmatizantes com relação à fala de estrangeiros africanos.

Solicitamos a sua colaboração para a entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de linguística e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano ou consequência negativa.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
www.ccchla.ufpb.br/proling



Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

João Pessoa, _____ de _____ de 2012.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da testemunha

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora:

Paloma Freire de Queiroz e Silva

Programa de Pós-Graduação em Linguística/PROLING

Universidade Federal da Paraíba/Campus I

Conjunto Humanístico – Bloco IV

Cidade Universitária – João Pessoa/PB CEP: 58059-900

Telefones: (83) 3216-7745/ (83) 8720-5967

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante

Cidade Universitária – Campus I CEP: 58051-970 João Pessoa – PB

Caixa Postal: 5124 Fone/fax: (83) 3216-7745

E-mail: prolingufpb@hotmail.com www.cchla.ufpb.br/proling



APÊNDICE B – Ficha de caracterização do entrevistado

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
www.ccchla.ufpb.br/proling



FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO

1. Nome: _____
2. Data de nascimento: __/__/__
3. Sexo: () Feminino () Masculino
4. Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
5. Naturalidade dos pais: _____
6. Você visita seu país de origem com frequência? () Sim () Não
 - a. Caso tenha respondido afirmativamente:
 - i. Quantas vezes retorna em 1 ano, por exemplo? _____
 - ii. Quanto tempo costuma ficar? _____
 - iii. Qual o motivo desse retorno? _____
7. Há quanto tempo reside no Brasil? _____ E na Paraíba? _____
8. Você mora com conterrâneos? () Sim () Não
9. Você tem filhos nascidos na Paraíba? () Sim () Não
 - a. Quantos? _____
 - b. Que idades eles têm? _____
10. Você convive com paraibanos? () Sim () Não
 - a. Em quais situações? _____
11. Profissão/Curso: _____
12. Escolaridade: _____



APÊNDICE C – Roteiro para entrevista
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
www.ccchla.ufpb.br/proling



ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Dados pessoais

1. Qual o seu nome?
2. Onde você nasceu?
3. Há quanto tempo está no Brasil? E em João Pessoa?
4. Qual foi o motivo de você ter vindo para cá?
5. Você já morou em outros lugares? Quais?
6. Você gosta daqui?
7. O que você faz/estuda aqui?
8. Você está trabalhando?

África x Brasil

1. Qual era a expectativa com relação ao Brasil que você tinha antes de chegar aqui?
2. E o que você encontrou de fato aqui?
3. Que diferenças e semelhanças você encontrou entre seu país e o Brasil?
4. Quais tradições do seu país eram praticadas pela sua família? Você pretende seguir com elas? Você já observou alguma aqui?
5. Como é a culinária de lá? (pratos típicos e dia-a-dia) Você acha muito diferente da daqui?
6. E as festas? Que datas e eventos são comemorados? E aqui você já participou de alguma festa?
7. Como vocês se divertem nos finais de semana? Você acha diferente do que acontece aqui?
8. Música
 - a. Você toca algum instrumento musical? Qual?
 - b. Faz quanto tempo?
 - c. Quem te incentivou a começar?
 - d. Tem algum instrumento que você gostaria de aprender? Por quê?
 - e. Você gosta de dançar?
9. As pessoas daqui da vizinhança têm o hábito de conversar umas com as outras? Como é essa relação de vizinhança no seu país?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
www.ccchla.ufpb.br/proling



10. Como você se relaciona com os brasileiros?
11. Aqui o pessoal tem o hábito de jogar muito futebol, qual o jogo mais comum no seu país? Você gosta? E gosta de futebol?
12. Escola/Universidade/Profissão
 - a. Como era(m) a(s) escola(s) em que estudou em seu país? Pequena, grande, mista, religiosa, rígida...?
 - b. Por que você veio estudar em uma universidade brasileira?
 - c. Como tem sido sua experiência como estudante aqui na UFPB?
 - d. Você gosta do seu curso/da sua profissão?
 - e. Você já tem ideia do que pretende fazer no futuro nesse campo profissional?
 - f. Qual foi seu primeiro emprego?

Viagem

1. Você gosta de viajar?
2. Para onde você já viajou?
3. Quanto tempo passou?
4. Quais as coisas que você gosta de fazer quando está viajando?
5. Tem algum lugar que você gostaria de conhecer, mas ainda não teve oportunidade?

Futuro/sonhos

1. O que você pretende fazer quando terminar o curso? Pretende ficar no Brasil, voltar para o seu país ou ir para outro lugar?
2. Como você se imagina daqui a 5 anos? E daqui a 20?
3. Tem alguma coisa na sua vida que você gostaria de fazer, mas ainda não teve oportunidade?

Risco de morte

1. Você já teve alguma experiência que te fez sentir a morte perto?
2. Você acha que essa experiência te modificou de alguma maneira?
3. Você já testemunhou alguma coisa trágica aqui no Brasil? Como, por exemplo, acidente, cena de violência, etc.? E no seu país?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

www.ccchla.ufpb.br/proling



Língua

1. Você fala outra língua além do português? Qual?
2. Você tem vontade de aprender outra língua? Qual? Por quê?
3. Você acha que a língua portuguesa está mudando?
4. Você consegue observar diferenças na fala de pessoas jovens e pessoas mais velhas?
5. Você acha que fala da mesma forma que seus pais ou seus avós? (Ou filhos)
6. Você nota diferença entre a maneira que o paraibano fala e a maneira que brasileiros de outros estados falam? Que diferenças são essas?
7. E o que você acha do falar da Paraíba?
8. Você nota diferença entre a fala do paraibano e a fala que aparece na TV Globo? Tem alguma delas que você ache mais bonita?
9. Você acha que fala da mesma forma que falava antes de vir morar aqui?
10. Você acha que quando você retorna ao seu país as pessoas percebem diferença na sua fala? Que diferenças são essas? Que aspectos você ressaltaria?
11. Que diferenças você observa entre o português do Brasil e o do seu país?
12. Tem alguma coisa no falar do brasileiro que te incomode? E no do paraibano especificamente?
13. O que você pensa que pode ter contribuído para a mudança na sua forma de falar?
14. Você considera a língua portuguesa uma língua materna ou uma língua estrangeira?
15. Como você diria que a lateral pós-vocálica é realizada na sua língua materna e em português?



TEXTO 1

Notícia de jornal

- Um homem roubou a bolsa de uma garota na calçada de sua casa. A casa fica no final de uma rua sem saída, a mil metros de onde circulava uma escolta policial. O sol estava a pino no momento do crime. A garota se manteve calma durante o assalto, e, imediatamente depois, ligou para a polícia. No entanto, para seu desespero, encontrou o ramal ocupado.

- Alguém que passava pela rua naquela hora rendeu o culpado, levando-o até a delegacia com as mãos para o alto. Infelizmente, devido a terrível falsidade com que o ladrão contou a versão dos fatos ao delegado, o culpado foi solto.



- Dizem que continua cometendo pequenos assaltos nas proximidades da Casa da Pólvora e costuma usar calça social roxa. Parece que não é difícil identificá-lo, pois transita calmamente pela região com a mesma calça usada durante o primeiro assalto.

TEXTO 2

Receita fácil

- Para um almoço saboroso, comece com um caldo de galinha selvagem, acompanhado de torradas e um aperitivo Curaçao Azul. Como prato principal, sirva almôndegas com molho de tomate e purê de jerimum. O cálculo do sal fica a seu critério. Finalmente, ofereça a deliciosa sobremesa de mel e queijo assado. O almoço pode ser acompanhado de bebida que contenha álcool, como vinho tinto ou cerveja.



TEXTO 3

O circo chegou

- O circo Malba Tahan acaba de chegar em João Pessoa. Para termos acesso ao palco, passamos por um canal estreito com o desenho de um belo pardal. O palco na cor azul royal remete à temática celeste, que é trabalhada ao longo de toda a apresentação. O papel principal de apresentador do espetáculo é interpretado por uma mulher apelidada de Alzira. Alzira carrega uma colcha de retalhos e um chapéu com fundo falso com que faz pequenas mágicas divertidas ao longo do espetáculo. Para construir uma imagem sensível aos direitos dos animais, o Malba Tahan adota o slogan “Damos risada ao ver um animal livre!”.

APÊNDICE E – As variáveis e seus códigos

Variável dependente:

1. Lateral pós-vocálica
 - a. Apagamento Ø: 0
 - b. Lateral velarizada /ʎ/: 1
 - c. Semivogal /w/: 2
 - d. Dúvida: 3

Variáveis independentes:

2. Tonicidade
 - a. Tônica: T
 - b. Pretônica: E
 - c. Postônica: O
3. Posição na palavra
 - a. Inicial: i
 - b. Medial: m
 - c. Final: f
 - d. Monossílabo: n
4. Contexto Fonológico precedente
 - a. Vogal central /a/: R
 - b. Vogal média aberta /ɛ/ e /ɔ/: A
 - c. Vogal média fechada /e/ e /o/: H
 - d. Vogal fechada /u/: U
 - e. Vogal fechada /i/: I
5. Extensão do vocábulo
 - a. Monossílabo: o
 - b. Dissílabo: d
 - c. Trissílabo: t
 - d. Polissílabo: p
6. Contexto fonológico seguinte
 - a. Labial: L
 - b. Coronal: C
 - c. Dorsal: D
 - d. Vogal: V
 - e. Pausa: P
7. Estilo
 - a. Entrevista (Menos monitorado): e
 - b. Leitura (Mais monitorado): l
 - c. Palavras: v
8. Tempo de exposição
 - a. < 3 anos: 4
 - b. 3 a 8 anos: 5
 - c. > 8 anos: 6
9. País de origem
 - a. Guiné Bissau: g
 - b. Cabo Verde: c